

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

**Comemorações dos Jubileus
da Academia (Real) das Ciências de Lisboa:
simpósios, colóquios, publicações e outras ações**

ARMANDO J. L. POMBEIRO



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

LISBOA • 2026

Título: Comemorações dos Jubileus da Academia (Real) das Ciências
de Lisboa: simpósios, colóquios, publicações e outras ações

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2026

DOI: <https://doi.org/10.58164/90x6-4f26>

Comemorações dos Jubileus da Academia (Real) das Ciências de Lisboa: simpósios, colóquios, publicações e outras ações

ARMANDO J. L. POMBEIRO¹

RESUMO

A Academia (Real) das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, constitui um raro exemplo de longevidade institucional, aproximando-se do V Jubileu (2029). Esta comunicação procura evocar, comparar e contextualizar as celebrações dos vários Jubileus, com enfoque nas publicações, simpósios e colóquios comemorativos, prestando ainda homenagem aos Académicos que a elas mais se dedicaram.

As celebrações do bicentenário (IV Jubileu) foram as mais expressivas, estenderam-se por vários anos e incluíram: sessões solenes, simpósios internacionais sobre investigação de ponta em temas científicos relevantes, colóquios nacionais de interesse societal, numerosas publicações, edições fac-similadas de obras antigas, numa atividade editorial profícua; exposição de obras e de instrumentos; criação de uma galeria de exposições; cunhagem de uma medalha e emissão de uma pagela filatélica. Foram convidados a intervir numerosos contribuidores exteriores à Academia, no âmbito do seu Instituto de Altos Estudos, que desempenhou um papel importante.

O III Jubileu foi comemorado durante uma semana, o II limitou-se a uma sessão encoberta por outra efeméride, e para o I Jubileu não se encontrou qualquer celebração.

As atividades comemorativas, em geral, caíram no esquecimento ao longo do tempo, com a morte dos intervenientes. O autor desta comunicação teve o privilégio de experienciar as mais marcantes (bicentenário) para cujo estudo procura contribuir.

ABSTRACT

The (Royal) Academy of Sciences of Lisbon, founded in 1779, is a rare example of institutional longevity, approaching its fifth Jubilee (2029). This communication seeks to evoke, compare and contextualize the Jubilees celebrations, focusing on commemorative publications, symposia and colloquia, also paying tribute to the Academicians who were mostly involved.

The celebrations of the bicentenary (IV Jubilee) were the most expressive ones, spanned over various years and included: formal sessions, international symposia on cutting-edge research on relevant scientific topics, national colloquia of societal interest, numerous publications, facsimile editions of ancient works, within a prolific editorial activity; exhibition of books and instruments; inauguration of an exhibition gallery; minting of a medal and issuance of a commemorative stamp. Numerous distinguished contributors from outside the Academy were invited to intervene within its Institute of Advanced Studies, which played an important role.

The III Jubilee was celebrated over a single week, the II one by a single session that was hidden under another celebration, whereas for the I Jubilee no evidence of celebration was found.

The celebratory activities generally fell into oblivion along the time and with the decease of those involved. The author of this communication had the privilege of experiencing the most expressive ones (bicentenary) and aims to contribute to their study.

¹ Academia das Ciências de Lisboa e Centro de Química Estrutural, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

1. INTRODUÇÃO

Um jubileu ou cinquentenário de uma instituição ou de uma pessoa abre uma oportunidade de celebração da sua existência, dos marcos mais relevantes ao longo de meio século.

50 anos constituem um período bastante difícil de repetir em termos pessoais e até institucionais. A longevidade do homem situa-se abaixo do centenário e a maioria das instituições, no mundo de mudança em que vivemos, também não atinge um segundo jubileu (em geral nem o primeiro) sem a ocorrência da sua extinção.

A Academia das Ciências de Lisboa foi fundada em 1779 (24 de dezembro, véspera de Natal) e esta comunicação evoca as comemorações dos vários Jubileus, já 4 passados, focando os simpósios e colóquios comemorativos, as publicações e outras ações, e prestando também homenagem aos Académicos que a elas mais se dedicaram (incluem-se fotografias quando possível, embora evitando-se a sua repetição nos casos de envolvimento em mais do que uma atividade).

Não obstante a relevância e o impacto científico ou societal de muitas das iniciativas, estas, em geral, caíram no esquecimento com o passar dos anos e o óbito dos intervenientes.

Tive o grato privilégio de acompanhar desde o início as referentes ao II centenário (IV Jubileu), encetadas há *ca.* meio século. Foi com essas celebrações que se iniciou a minha ligação à Academia, o que justifica não só o meu gosto, mas também o dever da sua recordação.

A comunicação inicia-se com estas comemorações (bicentenário) e continua-se por ordem cronológica no sentido do passado mais próximo para o mais distante.

2. IV JUBILEU (BICENTENÁRIO)

2.1. Formas de celebração

Constato com pesar que, juntamente com Toscano Rico, somos os únicos académicos ainda sobreviventes que tiveram a oportunidade de participar ativamente no início do programa da celebração do bicentenário (IV Jubileu): eu desde a organização de um simpósio que decorreu em 1979 em julho-agosto, e ele num discurso na sessão de abertura da celebração, em dezembro do mesmo ano. Curiosamente fomos eleitos Membros Efetivos da Academia das Ciências na mesma sessão, em janeiro de 1988, sendo atualmente os decanos nessa categoria.

As ações da Academia do foro da celebração do segundo centenário estão descritas em pormenor no livro intitulado “Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa” (1995), com a introdução escrita por José Pinto Peixoto (1922–1996), publicado 16 anos após o ano jubilar (Fig. 1).

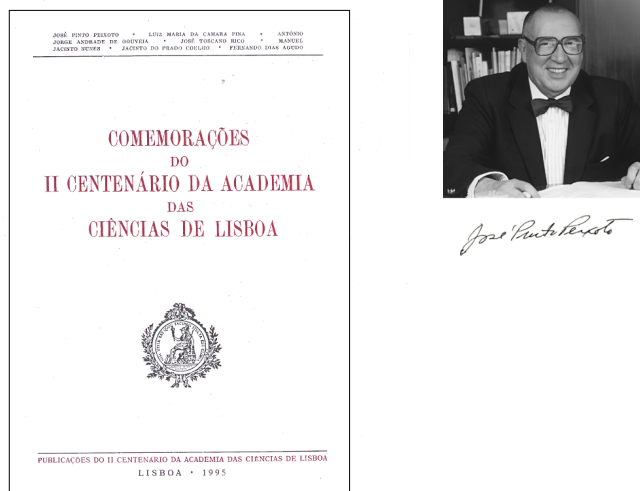


Figura 1. Capa do livro “Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa” (1995) e José Pinto Peixoto (1922–1996). Academia das Ciências de Lisboa.

A preparação da celebração do 2.º centenário da Academia iniciou-se com bastante antecedência e Herculano de Carvalho foi eleito presidente da Comissão, mas pediu dispensa por falta de disponibilidade (Carvalho, 1975).

O programa das celebrações começou a esboçar-se (1973) na presidência de Herculano de Amorim Ferreira, tendo sido remodelado em 1976. Uma alteração relevante foi introduzida pela proposta do então Tesoureiro da Academia, General Luís Maria da Câmara Pina, da inclusão de uma série de simpósios internacionais designada por “Fronteiras do Conhecimento” (ver abaixo) (Câmara Pina, 1995; Peixoto, 1995).

A expressão das celebrações propriamente dita foi iniciada na presidência de Jacinto do Prado Coelho (1976, *Dicionário da Língua Portuguesa*, letra A) e de Luís Maria da Câmara Pina que assumiu a presidência em 1979, mas já anteriormente coordenando as “Fronteiras do Conhecimento”. As comemorações foram continuadas sobretudo com José Pinto Peixoto (desde 1981), mas também com Manuel

Jacinto Nunes (1980) e, mais tarde, com José V. de Pina Martins (1992), na presidência (Fig. 2). Estenderam-se por um largo período de vários anos (de meados/ fins da década de 70 até meados da década de 90) e incluíram diversas ações, tais como: sessões solenes (Fig. 3), exposições, simpósios sobre investigação do mais alto nível (estado da arte) em temas científicos relevantes, simpósios ou colóquios sobre temas de interesse societal e nacional, numerosas publicações (internacionais e nacionais), reedição de obras antigas, edições fac-similadas de livros raros, retoma da publicação das *Memórias*, incluindo os vários volumes em atraso, etc. (Peixoto, 1995; Pombeiro, 1998; Peixoto & Pombeiro, 1993). Foi criada por J. Pinto Peixoto uma comissão de publicações que teve a prerrogativa de integrar e coordenar por sua indicação.



Figura 2. Presidentes da Academia das Ciências de Lisboa durante a celebração do II centenário. Da esquerda para a direita: Jacinto do Prado Coelho (1920–1984), Luís Maria da Câmara Pina (1904–1980), José Pinto Peixoto (1922–1996), Manuel Jacinto Nunes (1926–2014), e José de Pina Martins (1920–2010).

A sessão solene de abertura das comemorações do bicentenário (27 de dezembro de 1979) foi presidida pelo General Luís Maria da Câmara Pina (Presidente da Academia das Ciências), estando a mesa ocupada também por José Pinto Peixoto (Vice-Presidente da Classe de Ciências), General Ramalho Eanes (Presidente da República), Hélder Macedo (Secretário de Estado da Cultura), Jacinto do Prado Coelho (Vice-Presidente da Academia) e o Cónego Isaías da Rosa Pereira (Fig. 3, esquerda). Note-se que a disposição da mesa e do cadeiral era diferente da atual, alinhando-se com a parede das janelas do salão.

Nesta sessão foram oradores o General Luís Maria da Câmara Pina, Presidente da Academia (Câmara Pina, 1995), António Jorge Andrade de Gouveia (em representação da Classe de Ciências), José Manuel Toscano Rico, M. Jacinto Nunes e Jacinto do Prado Coelho (Fig. 3).



Figura 3. Sessão solene de abertura das comemorações do bicentenário. *Esquerda* (da direita para a esquerda): José Pinto Peixoto (Vice-Presidente da Classe de Ciências), General Luís Maria da Câmara Pina (Presidente da Academia), General Ramalho Eanes (Presidente da República), Helder Macedo (Secretário de Estado da Cultura), Jacinto do Prado Coelho (Vice-Presidente da Academia), Cónego Isaías da Rosa Pereira (In *Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, 1995). *Centro e direita*: António Jorge Andrade de Gouveia (1905–2002) e José Manuel Toscano Rico, respetivamente, entre os oradores (os restantes foram Luís Maria da Câmara Pina, Manuel Jacinto Nunes e Jacinto do Prado Coelho, já representados na figura anterior).

Abordaram as atividades da Academia, designadamente de caráter aplicado, e a oportunidade da celebração do bicentenário, referindo-se (os dois primeiros) também às ações no âmbito do programa “Fronteiras do Conhecimento”, adiante indicado. Andrade de Gouveia, Toscano Rico e Prado Coelho trataram sobretudo das ciências químicas, médicas e da literatura, respetivamente, enquanto Jacinto Nunes refletiu sobre uma “via prospetiva: o que pode ou melhor o que deve ser a Academia”.

Exposições de obras e de instrumentos na Galeria de Exposições então inaugurada, a cunhagem de uma medalha com a rainha D. Maria I (Fig. 4) e a emissão de uma pagela filatélica (Fig. 5) comemorativa constituíram também atividades celebratórias de relevo.



Figura 4. Medalha comemorativa do II centenário (rainha D. Maria I) (In *Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*, 1995).



Figura 5. Pagela filatélica comemorativa do II Centenário com oblitações do primeiro dia (In Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1995).

A Galeria de Exposições, situada abaixo do piso nobre, entre este e o claustro (com porta de entrada interior pela escadaria que desce a partir da entrada na Academia da rua com o seu nome), que atualmente constitui uma parte do espaço convertido em museu, foi criada a partir de uma sala degradada e desorganizada, através de obras de adaptação que envolveram nomeadamente a remoção do reboco do teto e das paredes, deixando à vista a beleza da tijoleira original dos arcos e do teto.

Foram realizadas outras exposições sob o patrocínio da Academia, nomeadamente na Casa dos Bicos sobre aplicações de lasers (1985) e no Centro Cultural de Belém sobre astronáutica (1993), a exposição temporária mais vista pelo público neste Centro, sob a coordenação de Fernando Carvalho Rodrigues (Fig. 6).

O compromisso da Academia na defesa e enriquecimento da língua portuguesa não foi esquecido, publicando-se o primeiro volume (referente à letra A) do Dicionário da Língua Portuguesa (1976), cuja comissão de redação foi coordenada por Jacinto do Prado Coelho, Presidente da Academia.

Foi criado o Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa (referido pela primeira vez em texto legal de 1987), coordenado por Luís Filipe Lindley Cintra e depois por Malaca Casteleiro (Fig. 6).



Figura 6. Alguns académicos com funções de coordenação no âmbito da celebração do bicentenário da Academia das Ciências (para além dos seus Presidentes) (ordem alfabética do primeiro nome, da esquerda para a direita e de cima para baixo): António Manuel Pinto Barbosa (Instituto de Altos Estudos), Armando Pombeiro (comissão de publicações), Fernando Carvalho Rodrigues (exposições sobre lasers e astronáutica), Fernando Roldão Dias Agudo (relações internacionais), Luís Filipe Lindley Cintra e Malaca Casteleiro (Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa), Moses Amzalak (Instituto de Altos Estudos), Rómulo de Carvalho (identificação e catalogação museológicas).

Procedeu a Academia, no âmbito destas celebrações, sob a presidência de Pinto Peixoto, à reorganização do Museu, recuperando peças dispersas ou esquecidas, catalogando e arrumando, por exemplo, a coleção de peças de alto valor etnográfico (*e.g.*, máscaras) do espólio da expedição ao Brasil (Amazónia) do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1783–1792) descrita no livro “Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783–1792” (Fig. 7) (Ferreira, 1971). O académico Rómulo de Carvalho (Fig. 6) desempenhou um papel muito importante na identificação e catalogação das peças museológicas, tendo publicado o livro, adiante indicado na secção de História da Ciência, “A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa, nos Séculos XVIII e XIX” (Carvalho, 1981). Instalou-se o Museu Maynense numa sala do claustro após o seu restauro, contígua à sala das sessões.

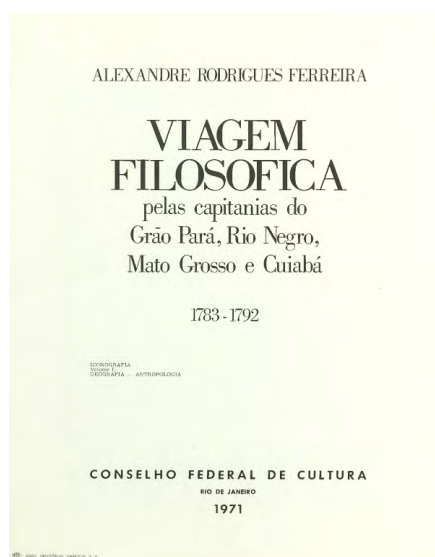


Figura 7. Capa do livro “Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783-1792” (1971), Alexandre Rodrigues Ferreira, Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro (2 volumes, edição anotada).

Ainda do foro da preservação do património, sob a presidência de Pinto Peixoto, procedeu-se à recuperação de uma boa parte das instalações da Academia, incluindo o Salão Nobre, a Sala Brasil, a Galeria de Exposições, o jardim do claustro e as salas a este ligadas, a sala Maynense, o armazém de publicações, etc. Foram reorganizados e reutilizados espaços, tais como, no piso nobre, a Sala de Reuniões Internacionais, e a Sala Artur e Ricardo Malheiros que passou a acolher a coordenação dos Serviços de Publicações que, entretanto, me havia sido atribuída (mais tarde esta sala passou a ser utilizada como gabinete do académico Telles Antunes para estudos de paleontologia de interesse museológico para a Academia).

Foram restaurados diversos quadros abandonados, e.g., os que representam a árvore genealógica dos reis de Portugal e os arcanjos, que passaram a situar-se na antecâmara de acesso ao Salão Nobre.

À Biblioteca foi também dedicada atenção particular, através da catalogação, admissão de pessoal técnico, expurgo e recuperação de largo espaço de depósito na cave, o que permitiu desocupar e redirecionar a utilização de diversas salas no piso nobre (ver acima).

Ainda na defesa do património, foi possível impedir a ocupação de parte do edifício por serviços públicos... as instalações da Academia no Convento de Jesus, em diversas ocasiões, têm sido objeto da cobiça alheia.

A Academia, a seu convite, acolheu ainda reuniões internacionais, designadamente da *European Science Foundation* (Fundação Europeia da Ciência, 24-25 de junho de 1983) com delegados de várias academias europeias, e do *International Council of Scientific Unions* (ICSU), instituições em que a Academia estava também representada pelo académico Tesoureiro Fernando Roldão Dias Agudo (1925–2019) (Fig. 6).

Para além da promoção das *relações internacionais* com instituições científicas estrangeiras (e.g., a *Royal Society* com a qual estabeleceu um protocolo de cooperação, ademais das referidas acima), a Academia apoiou, no âmbito nacional, a *fundação de uma nova sociedade científica*, a Sociedade Portuguesa de Eletroquímica (reunião fundadora na Academia em 1982, que teve o privilégio de coordenar, com a cooperação dos académicos José Simões Redinha e João de Oliveira Cabral, assim como de César Viana e João Simão, representando as universidades em que a Eletroquímica era mais cultivada). O académico Victor Lobo foi também um forte apoiante desta fundação. A Academia patrocinou ainda o lançamento da revista dessa Sociedade, a *Portugaliae Electrochimica Acta*, cujo volume inaugural, que adiante (secção de Investigação Científica) será referido, foi publicado (1983) pela própria Academia no âmbito da celebração do bicentenário.

Nas conferências e publicações celebratórias foram convidados a intervir numerosos contribuidores de reconhecido mérito exteriores à Academia, no âmbito do *Instituto de Altos Estudos*, sob a presidência de Mosés Amzalak e depois de António Manuel Pinto Barbosa (Fig. 6) e de Manuel Jacinto Nunes. Este Instituto desempenhou um papel valioso nas celebrações que caiu no esquecimento, mas merece ser lembrado. Note-se também que as sessões, simpósios, colóquios e exposições foram sempre abertos ao público.

A *sessão solene de encerramento* teve lugar em 15 de dezembro de 1983, 4 anos após a sessão de abertura, com discursos proferidos pelo Presidente da Academia, José Pinto Peixoto, (Peixoto, 1995), por Fernando Roldão Dias Agudo, em nome da Classe de Ciências, e por M. Jacinto Nunes, Vice-Presidente da Academia e Presidente da Classe de Letras. Inicialmente estava também indigitado o

almirante Teixeira da Mota (ciências aplicadas e história da ciência), especialista mundial em cartografia antiga, mas o seu falecimento infelizmente não permitiu a sua intervenção.

No seu discurso, o Presidente Pinto Peixoto sumariou as ações da Academia na celebração do II centenário, indicou projetos a desenvolver e deixou “uma palavra de lástima e lamentação” pela falta de apoio oficial que a Academia tem sofrido, pondo em sério risco a preservação do seu património. Dias Agudo focou-se na Matemática e na sua utilidade associando-as ao mote da Academia *nisi utile est quod facimus, stulta est Gloria*. Jacinto Nunes teceu considerações sobre a fundação da Academia, as suas publicações (e.g., as *Memórias Económicas*), colóquios e problemas.

Foi ainda anunciada, pelo Presidente Pinto Peixoto, a instituição do Prémio Internacional Vasco Vilalva da Academia das Ciências de Lisboa, de estímulo ao estudo das Ciências Agrárias em Portugal.

Nesta sessão foram também entregues os prémios de ciências da Academia, e o colar aos académicos Pedro Manuel de Almeida Lima, que fora Presidente da Academia, e José Vicente Gonçalves, matemático.

As sessões de abertura e encerramento decorreram com solenidade, com a presença do Presidente da República, de representantes do governo, de altas autoridades religiosas, militares, civis e diplomáticas, para além de académicos e outros vultos das ciências e das letras.

No entanto, a celebração do bicentenário estendeu-se bem para além da data da sessão formal de encerramento, até meados dos anos 90, isto é, durante mais de uma década e meia, tendo sido admiráveis a capacidade de organização de conferências e a atividade editorial da Academia, adiante referidas!

2.2. Série Fronteiras do Conhecimento

Esta série (*Fronteiras do Conhecimento*) constitui um dos marcos celebratórios mais importantes do ponto de vista científico, sendo atualmente ignorada quase por completo!

Ilustra bem a notável aptidão organizativa e editorial da Academia na celebração do bicentenário.

Consistiu numa série de simpósios internacionais sobre apresentação e discussão da investigação ao mais alto nível em temas científicos relevantes, para

os quais foram convidados diversos cientistas entre os mais conceituados a nível mundial. Cada simpósio originou a publicação de um livro por uma editora internacional (Academic Press) e, numa edição nacional, pela própria Academia.

A ideia da série *Fronteiras do Conhecimento* surgiu em meados da década de 70, por proposta do General Luís Maria da Câmara Pina, então Tesoureiro (depois Presidente, em 1979) da Academia, no âmbito do Instituto dos Altos Estudos. Com o falecimento inesperado (março de 1980) de Câmara Pina, a série foi expandida através da ação de outros académicos, sobretudo de José Pinto Peixoto, que lhe sucedeu na presidência da Academia.

A organização do primeiro simpósio internacional nesta série (*New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation*, 31 de julho – 3 de agosto de 1979) envolveu diretamente o próprio General Câmara Pina, com a minha coordenação, em colaboração científica com o Prof. Joseph Chatt e o Dr. Raymond L. Richards, que haviam sido os meus supervisores do doutoramento, da Unit of Nitrogen Fixation (Unidade da Fixação do Azoto), Universidade de Sussex, Inglaterra. O tema da Fixação de Azoto fora por mim proposto ao General Câmara Pina em 1977, e gozara da sua imediata concordância e entusiástico apoio.

O livro correspondente foi publicado (Academic Press) em 1982, com J. Chatt, L. M. Câmara Pina e R. L. Richards como editores (Fig. 8). Foi depois traduzido e publicado em Russo (Fig. 8, direita).

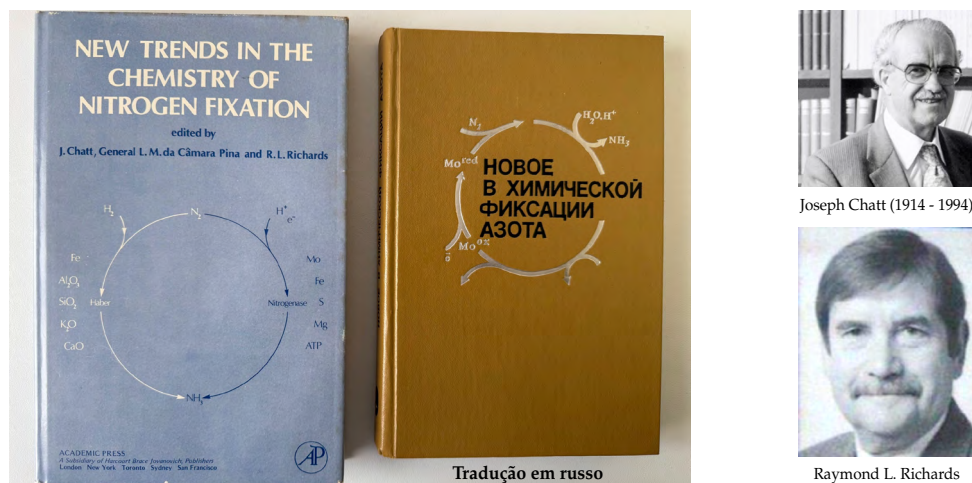


Figura 8. Capa do livro do simpósio “New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation” (edições inglesa e russa), Joseph Chatt (1914–1994) e Raymond L. Richards (editores ingleses).

As folhas iniciais do livro (edição inglesa), com a versão completa da insígnia da Academia usualmente então utilizada, estão reproduzidas na Fig. 9.

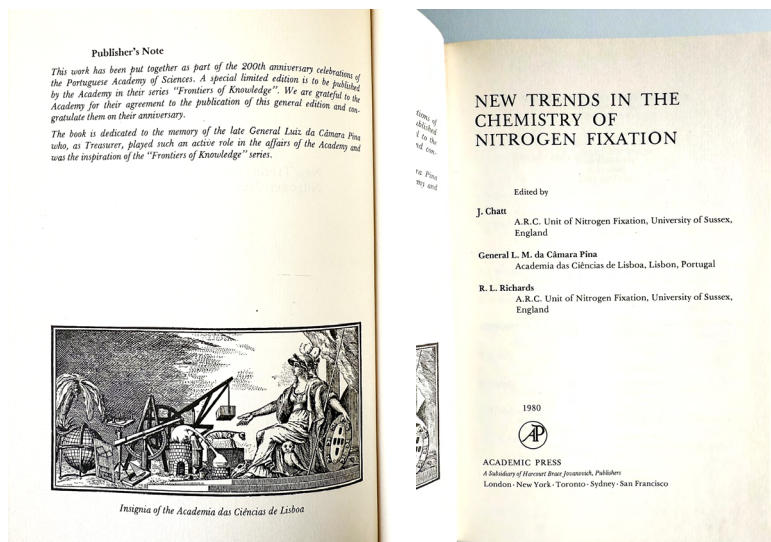


Figura 9. Folhas iniciais do livro do simpósio “New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation” (edição inglesa) com a insígnia da Academia.

A edição nacional da Academia foi alargada com os *proceedings* das lições apresentadas no simpósio (Fig. 10).

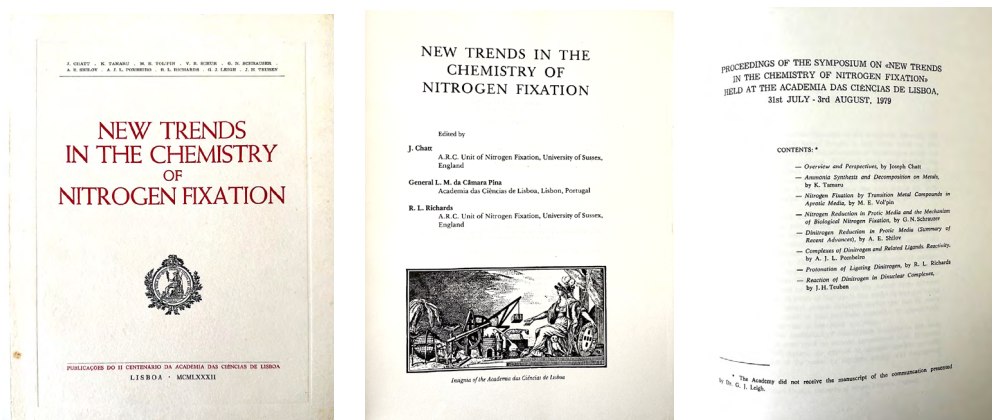


Figura 10. Capa, folhas iniciais e índice dos *proceedings* da conferência (estes incluídos como anexo) da edição nacional do livro do simpósio “New Trends in the Chemistry of Nitrogen Fixation”.

A edição internacional apresenta 10 contribuições, enquanto que na nacional figuram 18 contribuições incluindo os *proceedings*.

Os autores incluem os químicos mais conceituados mundialmente neste domínio, envolvendo, para além dos referidos, M. E. Vol'pin e A.E. Shilov (Rússia), K. Tamaru (Japão), G. J. Leigh (Inglaterra), G. N. Schrauzer (EUA) e J. H. Teuben (Holanda). Também tive o privilégio de contribuir, em representação do nosso país.

O segundo simpósio internacional da série Fronteiras do Conhecimento abordou o tema da Química Bioinorgânica (*New Trends in Bioinorganic Chemistry*) e decorreu no mesmo ano (18 de setembro de 1979), em paralelo com um curso na cidade de Tomar sobre Metais em Biologia, organizado por José R. Fraústo da Silva, com Robert J. P. Williams (Universidade de Oxford) e António Xavier (Universidade Nova de Lisboa) (Fig.11).

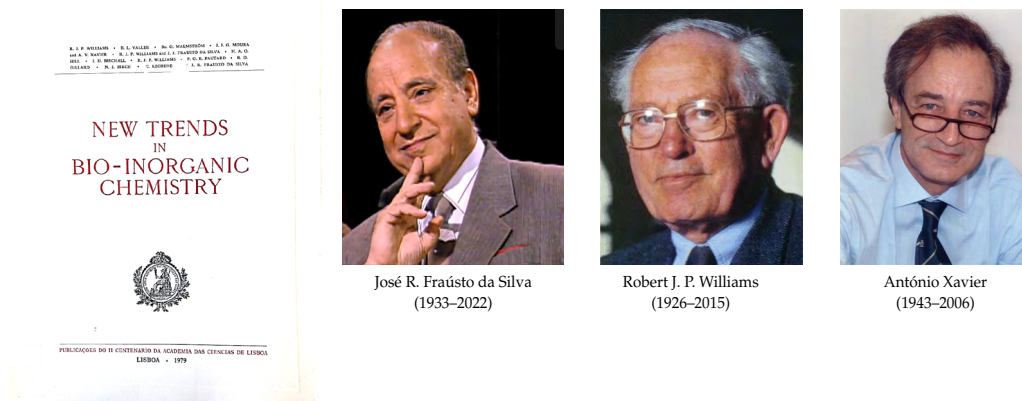


Figura 11. Capa do livro (edição nacional) do simpósio “New Trends in Bio-Inorganic Chemistry” (edição nacional), José R. Fraústo da Silva (1933–2022), Robert J. P. Williams (1926–2015) e António Xavier (1943–2006).

O livro associado, “New Trends in Bioinorganic Chemistry”, com R. J. P. Williams e J. R. Fraústo da Silva como editores, foi publicado em 1978 pela Academic Press (edição internacional) (Fig.12) e, no ano seguinte, pela Academia das Ciências (edição nacional) (Fig.11). Apresenta 12 contribuições, incluindo capítulos por H. A. O. Hill, B. L. Vallee, J. D. Birchall, B. G. Malmstrom, N. J. Birch, R. D. Guillard, C. Lechene, F. G. E. Pautard, J. J. G. Moura, para além daqueles autores.

Joseph Chatt, Robert Williams, eu próprio e, mais tarde, António Xavier e José Moura, vieram a ser eleitos membros da Academia das Ciências.

Seguiram-se mais dois simpósios, nos anos seguintes:

– *Some Recent Advances in Statistics* (14-18 de abril de 1980) sob a coordenação

de J. Tiago de Oliveira. O livro resultante, editado por este autor e por Benjamin Epstein, saiu a lume em 1982 (Academic Press, edição internacional) (Fig.13) e 1983 (Academia das Ciências, edição nacional) (Fig. 14), com 12 contribuições que compreendem, para além daqueles nomes, Herbert Solomon, E. Parzen, J. Gani, D. V. Lindley, H. A. David, C. L. Mallows e J. W. Turkey, B. Efron, P. J. Huber, R. E. Barlow e A. S. Wu, e D. Dugué.

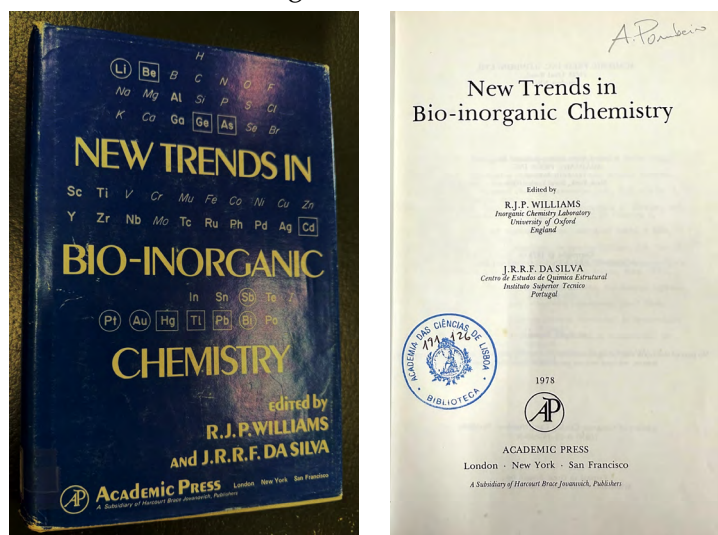


Figura 12. Capa do livro do simpósio “New Trends in Bio-Inorganic Chemistry” (edição inglesa).

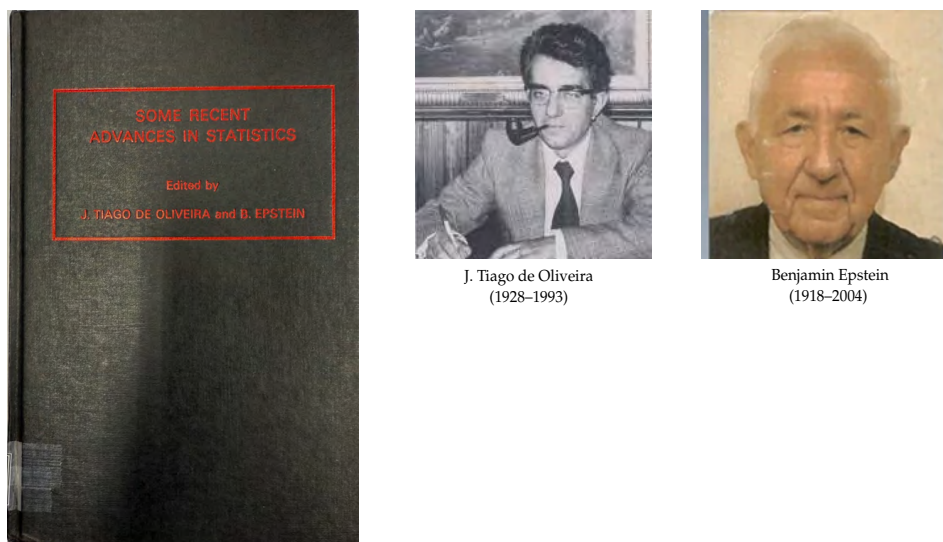


Figura 13. Capa do livro do simpósio “Some Recent Advances in Statistics”, edição internacional (1982), J. Tiago de Oliveira (1928–1993) & Benjamin Epstein (1918–2004) (Eds.), Academic Press.

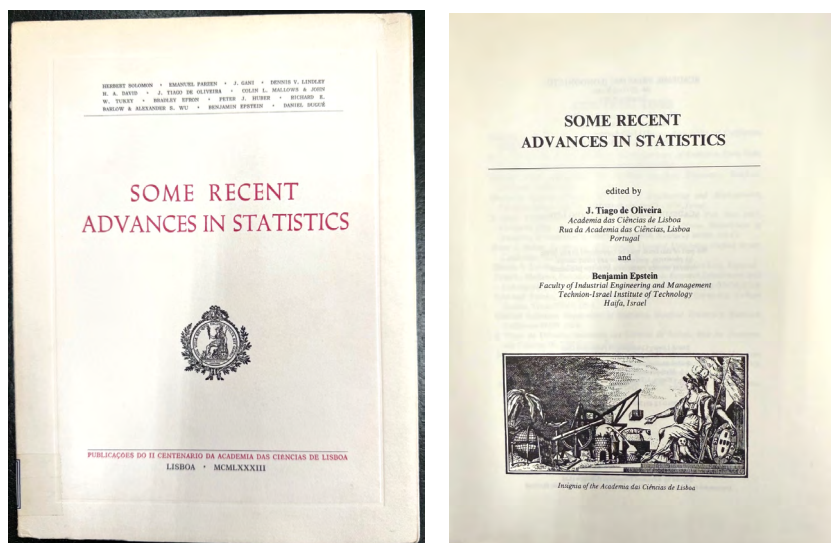


Figura 14. Capa do livro do simpósio “Some Recent Advances in Statistics”, edição nacional (1983).

–*Theory of Climate* (12-14 de outubro de 1981), coordenado por J. Pinto Peixoto. Os participantes convidados no simpósio, figuras de alto mérito internacional, estão presentes numa fotografia de grupo (Fig. 15).

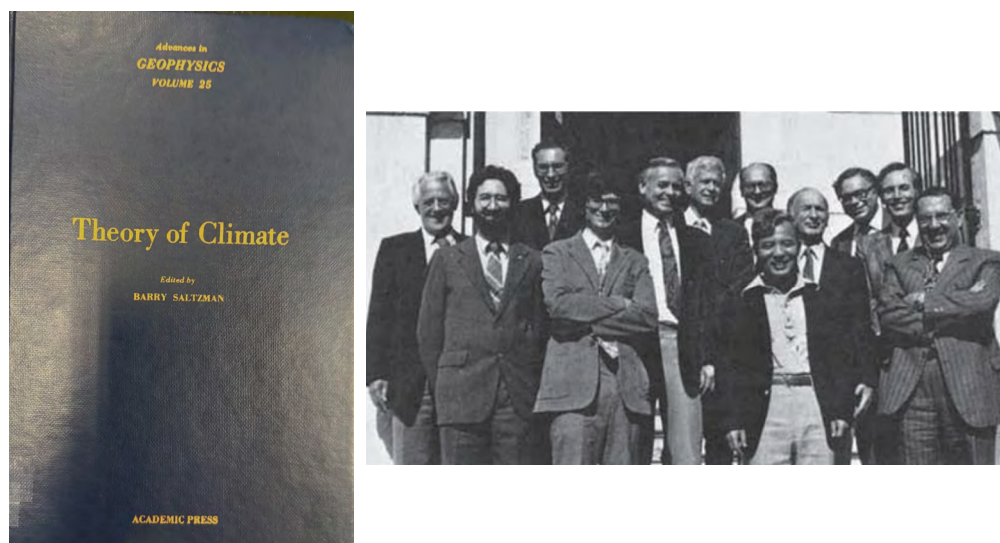


Figura 15. Capa do livro (edição internacional, 1983) do simpósio “Theory of Climate”. Participantes convidados no simpósio (da esquerda para a direita): Erik Eliassen (representante da Academia Dinamarquesa de Ciências), G.J. Shutts, Barry Saltzman, Robert E. Dickinson, W. Lawrence Gates, George Ohring, Joseph Smagorinsky (atrás), Syukuto Manabe (frente), Edward N. Lorenz, G.S. Golitsyn, Abraham H. Oort e José P. Peixoto (In Saltzman, B., Oort, A. & Peixoto, J. P., 1983, Academic Press).

O livro correspondente, “Theory of Climate” (in “Advances in Geophysics”, vol. 25), foi editado por Barry Saltzman (1983, Academic Press, edição internacional), e por Abraham Oort e J. Pinto Peixoto (1983, Academia das Ciências, edição nacional). Apresenta 8 contribuições, *i.e.*, para além das dos referidos, também das de Syukuro Manabe, J. Smagorinsky, G. S. Golytsin, G. J. Shutts, G. Ohring e A. Gruber, R.L. Dickinson. Um dos autores, Barry Saltzman, foi eleito membro da ACL, e outro (S. Manabe) foi agraciado com o prémio Nobel (Fig. 15).

2.3. Outros simpósios, colóquios e livros celebratórios

Para além dos simpósios internacionais do foro das “Fronteiras do Conhecimento”, orientados para a investigação científica de ponta, foram também organizados outros simpósios ou colóquios celebratórios (Câmara Pina, 1995; Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1995; Peixoto, 1995; Peixoto & Pombeiro, 1993; Pombeiro, 1998), essencialmente de carácter nacional, de interesse societal, cultural e histórico, os quais também resultaram, em geral, na publicação dos respetivos livros pela Academia. Também saíram a lume várias publicações que não foram precedidas de simpósios ou colóquios, assim como edições fac-similadas de obras antigas.

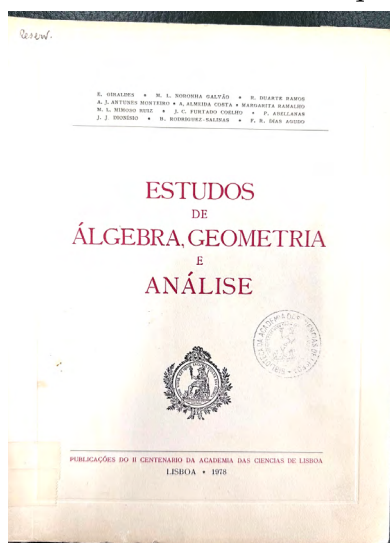
Tal como na série “Fronteiras do Conhecimento”, foi importante a contribuição de autores exteriores à Academia, convidados no foro do Instituto de Altos Estudos. Como meros exemplos entre estes e ilustrando a diversidade cultural, encontram-se, nos simpósios sobre a História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal, nomes como William R. Shea, Nuno Grande, Luís de Almeida Alves, Manuela Eanes, etc.

Estas manifestações comemorativas foram agrupadas nesta comunicação segundo a sua orientação predominante do modo seguinte: investigação científica, relevância social, história da ciência, história política, economia, humanismo, literatura e filologia; e edição de *fac-similes*.

2.3.1. De investigação científica

Diversas expressões de investigação científica foram concretizadas, designadamente as seguintes:

(i) “Estudos de Álgebra, Geometria e Análise”, 1987 (coordenação/prefácio por António Almeida Costa, Presidente da Classe de Ciências). Monografia (Fig. 16) em línguas francesa e inglesa com os seguintes autores: E. Giraldez, M. L. Noronha Galvão, R. Duarte Ramos, A. J. Antunes Monteiro, A. Almeida Costa, Margarita Ramalho, L. Mimoso Ruiz, J. Furtado Coelho, P. Abellanas, J. J. Dionísio, B. Rodriguez-Salinas, F. R. Dias Agudo. Embora inspirada em parte na série “Fronteiras do Conhecimento”, como referido no Prefácio por A. Almeida Costa, esta publicação não teve nenhum colóquio associado.



António Almeida Costa
(1903–1978)

Figura 16. Capa do livro “Estudos de Álgebra, Geometria e Análise” e António Almeida Costa (1903–1978).

(ii) “Reconhecimento Científico de Angola. Estudos de Geologia, de Paleontologia e de Micologia” (prefaciador: Carlos Teixeira), 1979: livro com 14 contribuições. (Fig. 17, esquerda).

(iii) “Bibliografia Mais Relevante sobre Botânica Pura e Aplicada, Referente aos Países Africanos de Expressão Portuguesa”, da autoria de Abílio Fernandes, 1982 (baseado na comunicação apresentada na sessão da Classe de Ciências em 21 de maio de 1981) (Fig. 17, direita).

(iv) Volume inaugural da revista *Portugaliae Electrochimica Acta*, 1983, com 16 contribuições (Fig. 18, esquerda). Publicação coordenada por Armando J. L. Pombeiro. Esta revista, que ficou sob a égide da Sociedade Portuguesa de Eletroquímica, foi criada, assim como esta sociedade, na

sequência da “III Reunião Nacional de Electroquímica” (28-30 de junho de 1982) decorrida na Academia. O primeiro editor foi João Simão, seguindo-se M.^a Fátima Guedes da Silva e depois Victor Lobo, que é o editor atual. A revista, de carácter internacional, continua a ser a única de investigação científica em ciências químicas editada em Portugal.



Figura 17. *Esquerda*: Capa do livro “Reconhecimento Científico de Angola. Estudos de Geologia, de Paleontologia e de Micologia”, e Carlos Teixeira (1910–1982). *Direita*: Capa do livro “Bibliografia Mais Relevante sobre Botânica Pura e Aplicada, Referente aos Países Africanos de Expressão Portuguesa” e seu autor Abílio Fernandes (1906–1994).

(v) “Fusão Nuclear a Frio – Reflexões e Perspectivas”. Colóquio (29 de junho de 1989) e respetiva publicação (1991) (Fig. 18, direita) coordenados por Armando J. L. Pombeiro e J. J. R. Fraústo da Silva, com Introdução por J. Pinto Peixoto. Livro com 11 contribuições.

(vi) “Colóquio sobre Termodinâmica e Reactividade de Sistemas Moleculares” (12-13 de novembro de 1991), sob a coordenação de J. Simões Redinha e A. J. Andrade de Gouveia. Livro com 8 contribuições (Fig. 19, esquerda e centro).

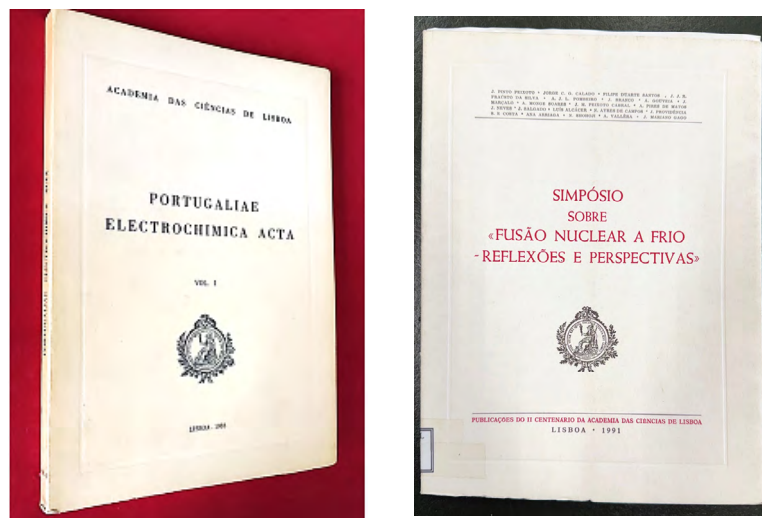


Figura 18. *Esquerda*: Capa do 1.º volume da revista *Portugaliae Electrochimica Acta* (1983). *Direita*: Capa do livro “Fusão Nuclear a Frio – Reflexões e Perspectivas” (1991).

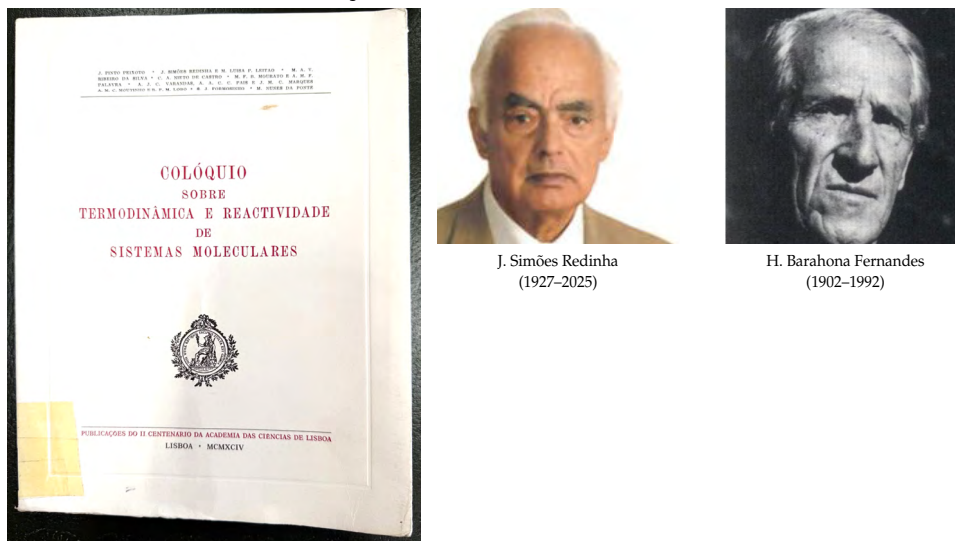


Figura 19. *Esquerda*: Capa do livro “Colóquio sobre Termodinâmica e Reactividade de Sistemas Moleculares” (1991). *Centro*: J. Simões Redinha (1927–2025). *Direita*: H. Barahona Fernandes (1902–1992).

2.3.2. De relevância social

As iniciativas comemorativas do bicentenário focadas na discussão de problemas de carácter societal iniciaram-se com o seguinte ciclo de conferências, do qual não parece ter resultado a publicação de qualquer livro:

– “Ciclo de Conferências sobre a Violência” (3 de junho – 15 de julho de 1976), com 6 contribuições por Henrique Barahona Fernandes (Fig. 19, direita), Urbano Tavares Rodrigues, J. Miller Guerra, Manuel Antunes, Isabel Magalhães Collaço e Joel Serrão.

Seguiram-se diversos colóquios sobre temas diversificados, coordenados por António Vasconcellos Marques (Fig. 20, direita), que se traduziram na publicação, durante uma década, dos livros correspondentes:

(i) “Os Acidentes de Viação e os seus Problemas” (23 de novembro de 1976 e 22 de março de 1977). Livro (1983) com 12 contribuições (Fig. 20, esquerda);

(ii) “Problemática da Droga em Portugal” (2-4 de dezembro de 1985). Livro (1987) com 28 contribuições;

(iii) “Problemática do Tabagismo em Portugal” (23-25 de março de 1987). Livro (1988) prefaciado por A. Jacinto Nunes com 21 contribuições;

(iv) “Problemática do Alcoolismo em Portugal” (14-16 de março de 1988). Livro (1989) com 27 contribuições;

(v) “Colóquio sobre Eutanásia” (5-8 de novembro de 1990). Livro (1993), com prefácio por J. Pinto Peixoto e introdução por Daniel Serrão, com 29 contribuições (Fig. 20, centro).

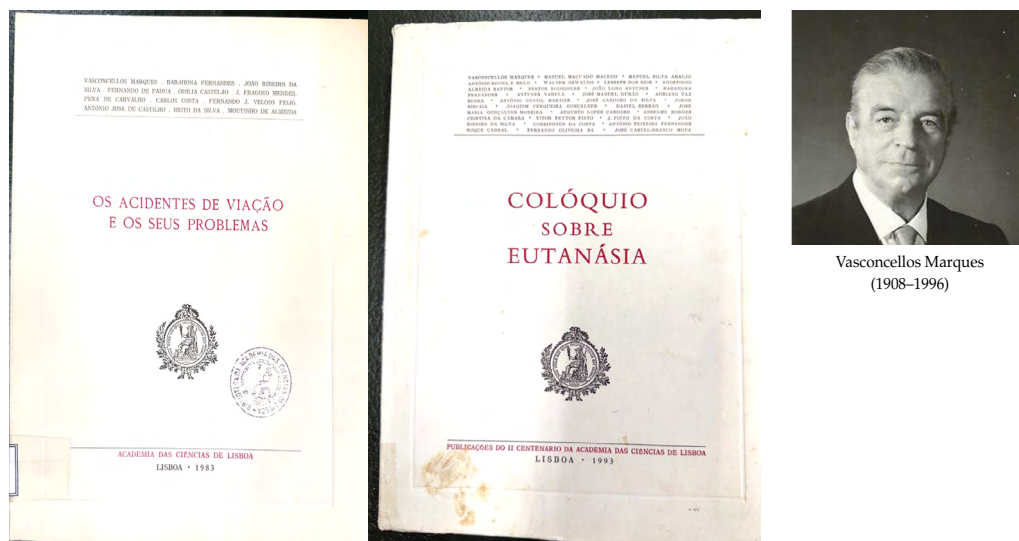


Figura 20. Capas dos livros “Os Acidentes de Viação e os seus Problemas” (1983) (*esquerda*) e “Colóquio sobre Eutanásia” (1993) (*centro*), referentes ao primeiro e ao último colóquios coordenados por Vasconcellos Marques (1908-1996) (*direita*).

Outros colóquios comemorativos sobre temas de interesse societal:

– “A Bioética e o Futuro” (9-10 de maio de 1994) sob a coordenação de Daniel Serrão. Livro (1995) com saudação por José de Pina Martins, com 11 contribuições (Fig. 21, esquerda);

– “Colóquio sobre Portugal e a Paz” (17-18 de novembro de 1986), com palavras de abertura por António Manuel Pinto Barbosa (1917–2006), Presidente do Instituto de Altos Estudos. Livro com 18 contribuições (Fig. 21, direita).

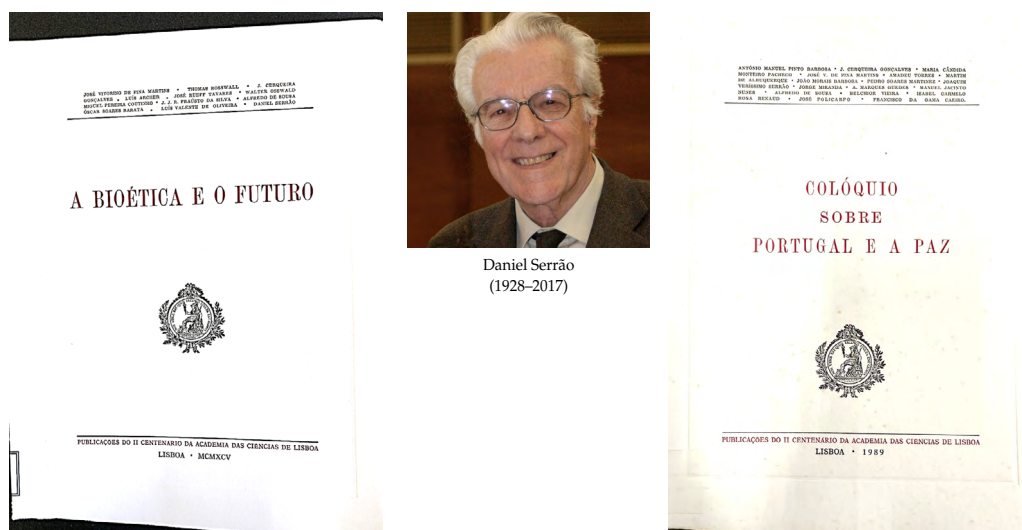


Figura 21. *Esquerda*: Capa do livro “A Bioética e o Futuro” e Daniel Serrão (1928–2017) (*centro*). *Direita*: Capa do livro “Colóquio sobre Portugal e a Paz”.

2.3.3. De história da ciência

No âmbito da história da ciência, referimos as seguintes publicações.

(i) “Catálogo de Manuscritos. Série Vermelha”, Vol. I (N.ºs 1-499), 1979, e Vol. II (N.ºs 500-980), 1986, coordenados e prefaciados por Joaquim Veríssimo Serrão, com nota (Vol. I) por Adel Y. Sidarus (Fig. 22);

(ii) “Portugaliae Monumenta Historica”, nova série (Fig. 23);

Vol. I (Livros Velhos de Linhagens), 1980, edição crítica por Joseph Piel e José Mattoso, nota limiar por Luís da Câmara Pina, post-facio por Manuel Jacinto Nunes, e introdução por José Mattoso;

Vol. II/1 e Vol. II/2 (Livro de Linhagens do Conde D. Pedro), 1980, edição crítica por José Mattoso.



Figura 22. Capas dos livros “Catálogo de Manuscritos. Série Vermelha”, Vol. I e Vol. II, e Joaquim Veríssimo Serrão (1925–2020).

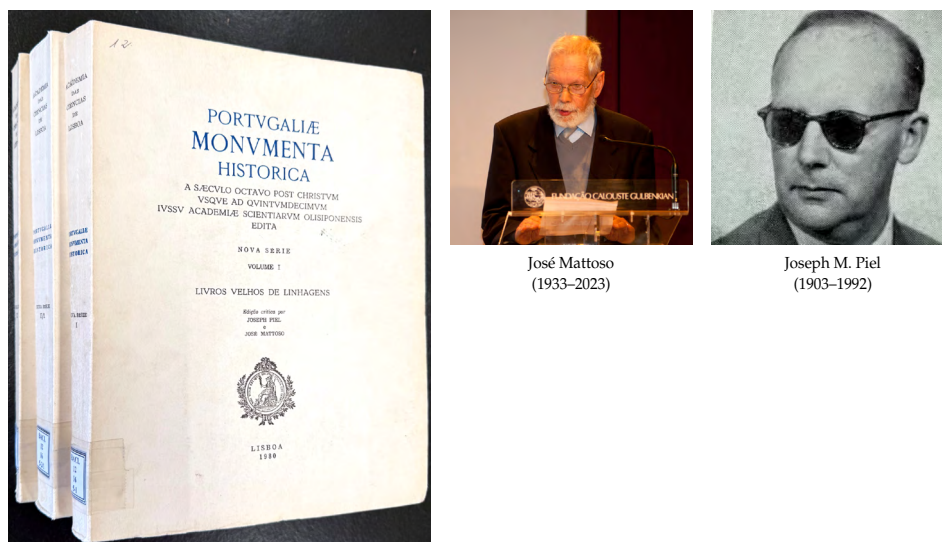


Figura 23. “Portugaliae Monumenta Historica”, nova série, volumes I, II/1 e II/2, José Mattoso (1933–2023) (centro) e Joseph M. Piel (1903–1992) (direita).

De enorme abrangência, decorreram dois simpósios e publicaram-se os livros correspondentes sobre História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal, o primeiro dirigido ao período anterior ao século XX, e o segundo referente a esse século:

É notável a diversidade de temas deste simpósio e do que lhe deu seguimento no século XX.



Figura 24. *Esquerda*: Capa do 1.º volume do livro “História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Até ao Século XX” (2 volumes), 1986. *Centro*: 3 volumes do livro “História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX”, 1992, e capa do seu 1.º volume (*direita*).

(iv) “História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Século XX” (13-17 de novembro de 1989; Comissão Coordenadora presidida por J. Pinto Peixoto: J. Tiago de Oliveira, J. Gomes Ferreira, Barahona Fernandes, Abreu Faro, Abílio Fernandes, Andrade Gouveia, J. V. de Pina Martins, Ilídio do Amaral, Mário Júlio de Almeida Costa, M. Jacinto Nunes; Secretário-Geral do Colóquio: A. Vasconcellos Marques; Vice-Secretário-Geral do Colóquio: A. J. L. Pombeiro.

Obra (1992) (Fig. 24, centro e direita) de grande magnitude, em 3 volumes, com apresentação por J. Pinto Peixoto, com 65 contribuições (*ca.* 85 autores) sobre a Academia das Ciências de Lisboa, a educação, as ciências exatas e naturais e as ciências aplicadas (matemática, física, ciências médicas), as ciências aplicadas e a história das ciências (engenharia civil, engenharia mecânica, engenharia eletrotécnica, engenharia de minas, engenharia de materiais, ciências naturais e química), as ciências sociais e humanas (estudos literários e linguísticos, geografia, economia política, filosofia e pedagogia).

Oradores da Sessão Solene de encerramento (17 de novembro de 1989): F. Dias Agudo, J. Tiago de Oliveira, e J. Pinto Peixoto.

(v) “A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa, nos Séculos XVIII e XIX”, por Rómulo de Carvalho, 1981 (Fig. 25, esquerda).

(vi) “D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, Fundador da Academia das Ciências de Lisboa”, por Rómulo de Carvalho, 1987 (Fig. 25, direita).

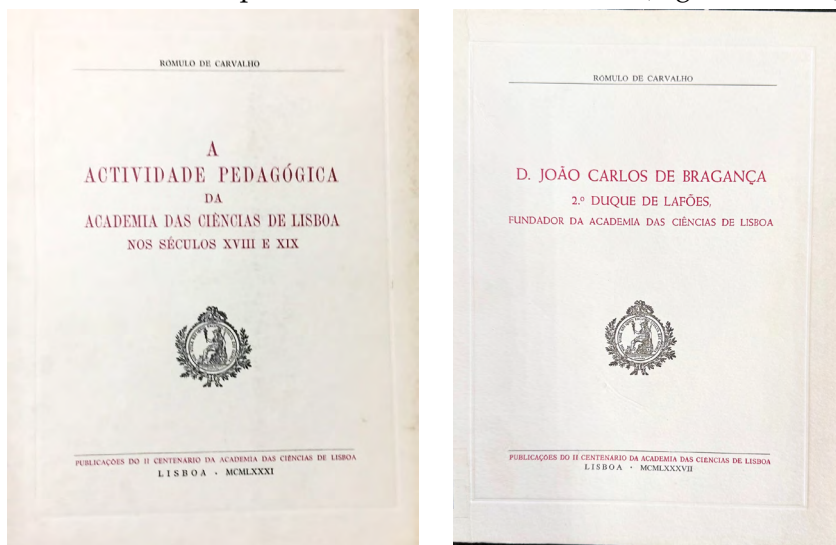


Figura 25. Capas de “A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa, nos Séculos XVIII e XIX”, 1981 (*esquerda*) e de “D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, Fundador da Academia das Ciências de Lisboa”, 1987 (*direita*), de Rómulo de Carvalho (1906–1997).

2.3.4. De história política

As seguintes publicações são de interesse histórico, político e diplomático.

(i) “As relações Luso-Russas através da Imprensa Portuguesa do século XVIII”, da autoria de William Rougle, 1979, referente à comunicação apresentada na Academia das Ciências em 14 de outubro de 1979 (Fig. 26, esquerda).

(ii) “Descriptive List of The State Papers Portugal 1661–1780 in the Public Record Office London”, Vol. 1 (1661–1723), 1979; Vol. 2 (1724–1765), 1979; Vol 3 (1759–1780), 1983, sob a coordenação de Charles R. Boxer (Fig. 26, direita).

(iii) “Portugal um Estado de Direito com Oitocentos Anos; Bula *Manifestis Probatum* de 23 de Maio de 1179”. Livro (1981) com nota limiar e oração de abertura por Luís Maria da Câmara Pina, com 11 contribuições, incluindo a homilia do Papa João Paulo II na Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma. Obra em línguas portuguesa e inglesa, no seguimento da sessão solene que decorreu em 23 de maio de 1979 (Fig. 27, esquerda).

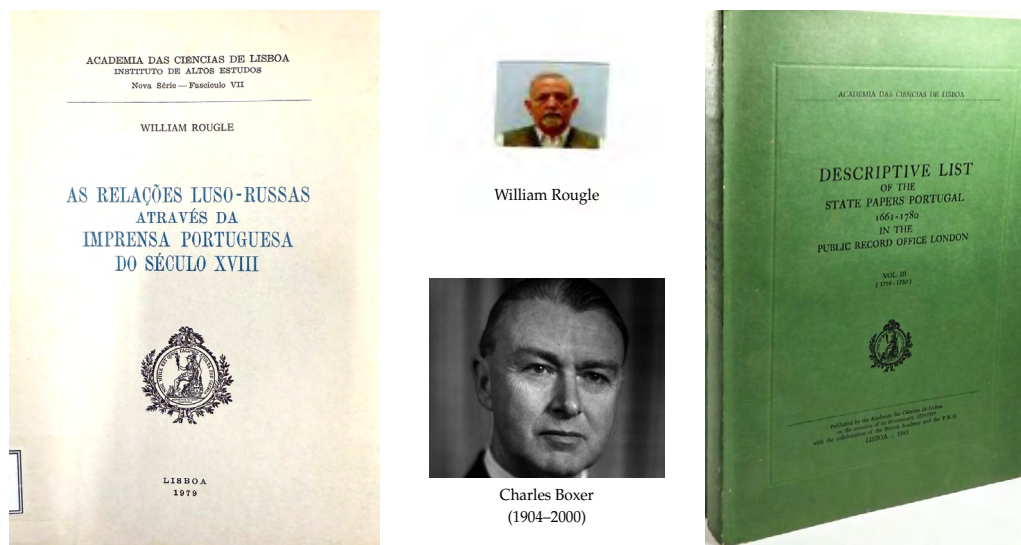


Figura 26. *Esquerda*: Capa do livro “As relações Luso-Russas através da Imprensa Portuguesa do século XVIII” e seu autor William Rougle (*centro*). *Direita*: Capa de “Descriptive List of The State Papers Portugal 1661–1780 in the Public Record Office London”, Vol.3 (1759–1780), 1983, e seu autor Charles Boxer (1904–2000) (*centro*).

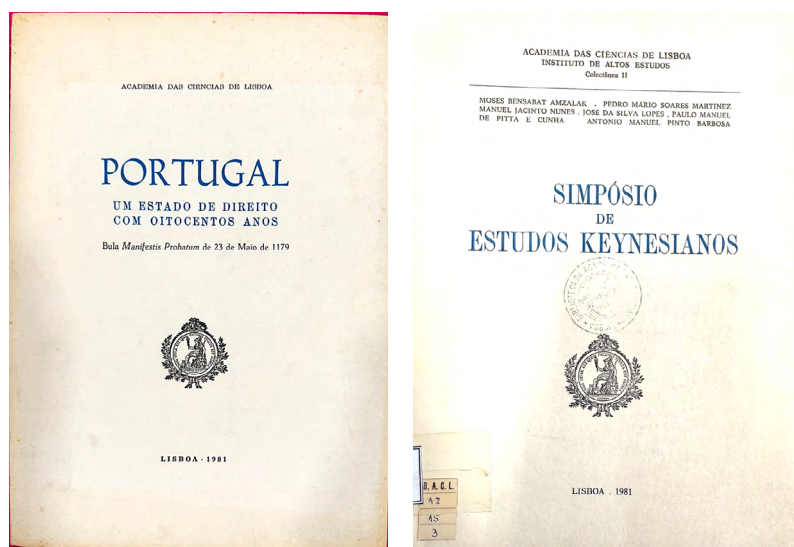


Figura 27. *Esquerda*: Capa do livro “Portugal um Estado de Direito com Oitocentos Anos; Bula *Manifestis Probatum* de 23 de Maio de 1179”, 1981. *Direita*: Capa do livro “Simpósio de Estudos Keynesianos”, 1981.

2.3.5. De economia

– “Simpósio de Estudos Keynesianos” (16, 23 e 30 de junho; 7 e 14 de julho; e 4 de novembro de 1977) por iniciativa de Moses Bensabat Amzalak. Livro (1981) com 6 contribuições (Fig. 27, direita).

– “Memórias Económicas Inéditas: 1780–1808”, 1987, introduzidas e anotadas por José Luís Cardoso (Fig. 28), com prefácio de Manuel Jacinto Nunes.

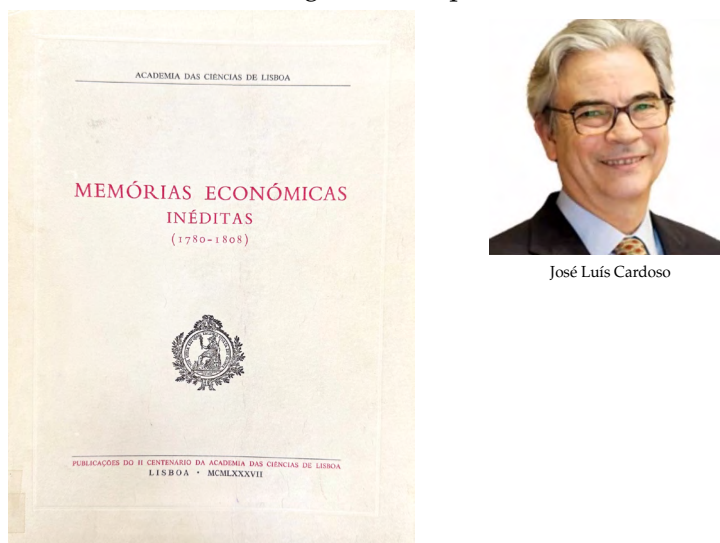


Figura 28. Capa do livro “Memórias Económicas Inéditas: 1780–1808” (1987) e José Luís Cardoso.

2.3.6. De humanismo

Sobre o humanismo, decorreram dois colóquios coordenados por José de Pina Martins:

– “O Humanismo Português – 1500–1600” (Universidade de Coimbra, 21 de outubro de 1985; Academia das Ciências de Lisboa, 22 de outubro de 1985; Universidade de Évora, 24 de outubro de 1985; Academia das Ciências de Lisboa, 25 de outubro de 1985), tendo a comissão coordenadora constituída por José Hermano Saraiva, José V. de Pina Martins (Secretário-Geral do colóquio), Justino Mendes de Almeida. Programa (apresentação por José V. de Pina Martins), com 24 contribuições (não são apresentados os textos) (Fig. 29, esquerda).

– “II Simpósio Nacional de Humanismo – Erasmo na Cultura Portuguesa” (25-28 de maio de 1987), sob a coordenação e apresentação por José V. de Pina Martins, com 18 contribuições (não são apresentados os textos) (Fig. 29, direita).

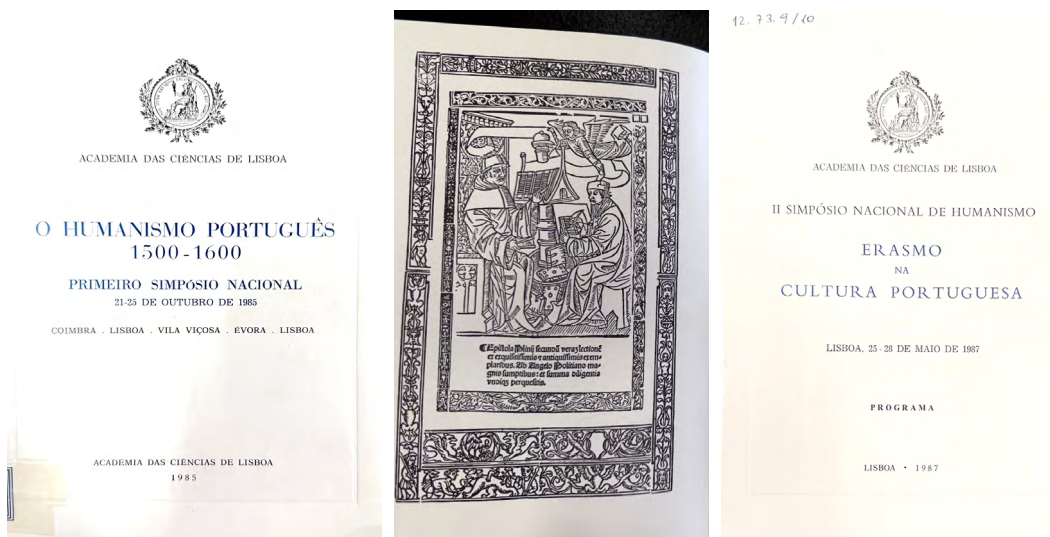


Figura 29. Esquerda e centro: Capa e página inicial do programa “O Humanismo Português – 1500–1600”. Direita: Capa do programa “II Simpósio Nacional de Humanismo – Erasmo na Cultura Portuguesa”.

2.3.7. De literatura e filologia

Do foro da literatura e filologia, destacam-se:

(i) “Dicionário da Língua Portuguesa”, Vol. I (letra A), 1976, com a coordenação da comissão de redação por Jacinto do Prado Coelho, e a introdução por Joseph M.

Piel, J. Malaca Casteleiro, Jacinto do Prado Coelho e José A. Teixeira (Fig. 30). Fora antecedido pelo primeiro dicionário da Academia, publicado em 1773 e reproduzido em *fac-simile* após dois séculos, em 1993, como adiante referido.

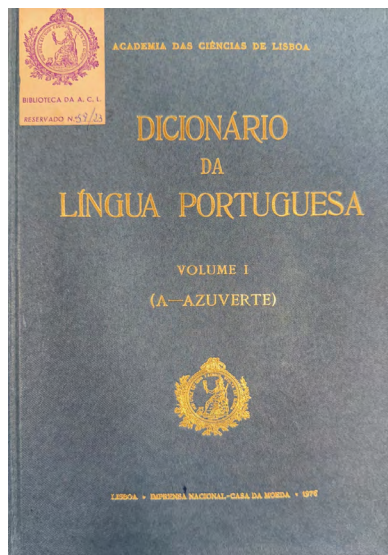


Figura 30. Capa do “Dicionário da Língua Portuguesa”, Vol. I (letra A) (1976).

(ii) “Fontes dos Lusíadas”, de José Maria Rodrigues, 2.^a edição (1979) (a 1.^a edição fora publicada pela Imprensa da Universidade, Coimbra, 1905); prefácio de Américo da Costa Ramalho (Fig. 31).

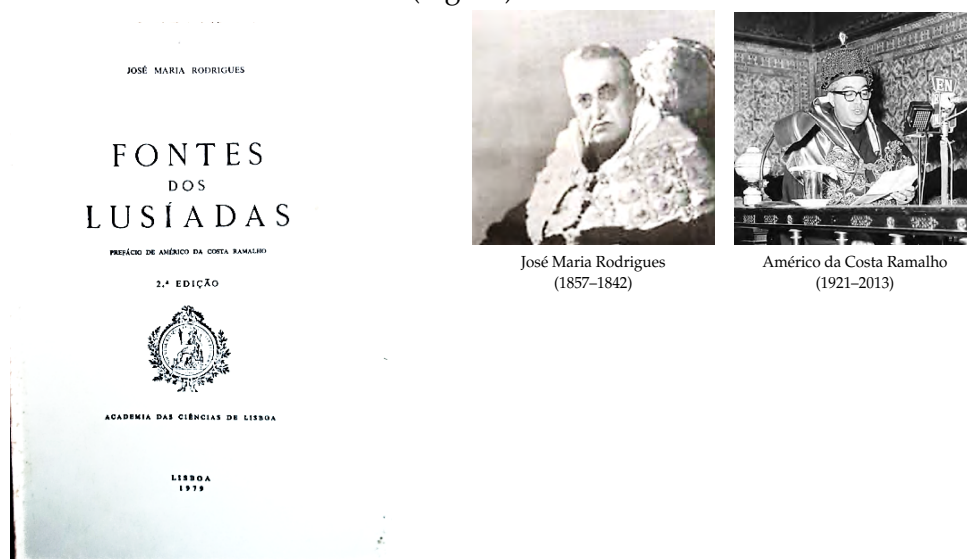


Figura 31. Capa de “Fontes dos Lusíadas” (2.^a edição), José Maria Rodrigues (1857–1842) e Américo da Costa Ramalho (1921–2013).

(iii) “Os Lusíadas. Vol. III. Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras” (1984), em comemoração do quarto centenário da morte de Luís de Camões e do segundo centenário da Academia das Ciências de Lisboa (Fig. 32); comissão organizadora: Jacinto do Prado Coelho, Luís Lindley Cintra, Américo da Costa Ramalho, Bernardo Xavier Coutinho, Maria Helena da Rocha Pereira, Joseph Maria Piel, e Giacinto Manuppella.

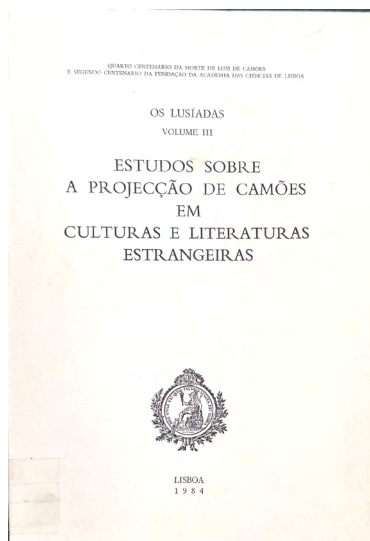


Figura 32. Capa do livro “Os Lusíadas. Vol. III. Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras” (1984).

(iv) “Colóquio de Estudos Camilianos” (26-27 de novembro de 1990), sob a coordenação de Justino Mendes de Almeida, comemorativo do 1.º centenário da morte de Camilo. Livro (introdução por Justino Mendes de Almeida) publicado em 1993, com 8 contribuições (Fig. 33).

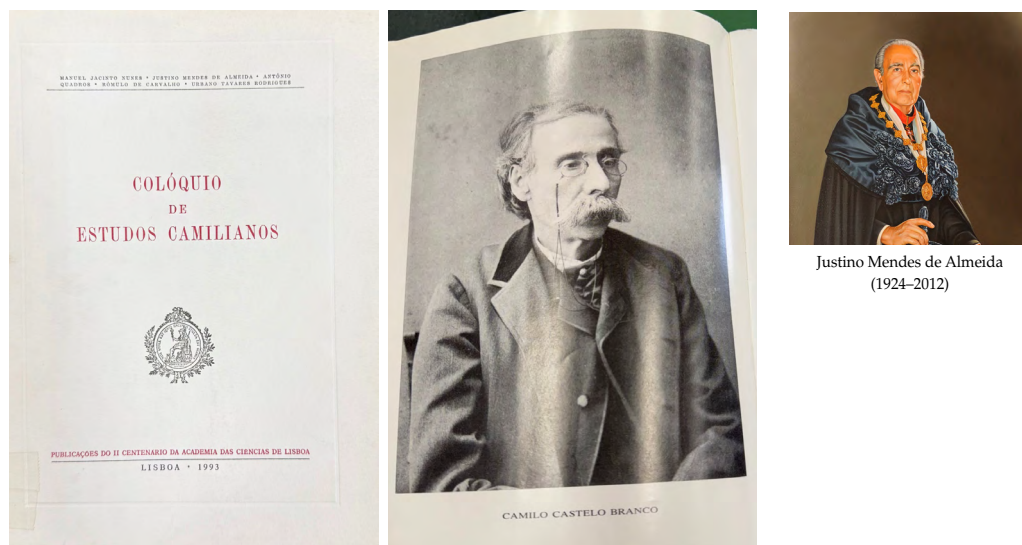


Figura 33. Capa e folha do livro “Colóquio de Estudos Camilianos”, e Justino Mendes de Almeida (1924–2012).

2.3.8. Edições fac-similadas

Quanto às edições fac-similadas, são de referir as seguintes:

(i) “Livro das Armadas” (*fac-simile*), 1979, com prefácio por Luís de Albuquerque, sob proposta de Luís Maria da Câmara Pina; edição de 2.000 exemplares, numerados e rubricados (Fig. 34).

(ii) “Os Lusíadas” (*fac-simile* das duas edições datadas de 1572)”, 1980: edição com pelicano voltado para a esquerda (sinistra, S) e edição com pelicano voltado para a direita (dextra, D). Prefácio pela comissão para a edição crítica d’*Os Lusíadas*, mas sem indicação da sua composição (Fig. 35).

(iii) “Dicionário da Língua Portuguesa”, 1993; reprodução fac-similada e comemorativa do segundo centenário do “Diccionario da Lingoa Portuguesa”, Tomo primeiro, letra A, 1793 (Fig. 36). Preâmbulo por Luís da Câmara Pina e estudo linguístico por João Malaca Casteleiro.



Luís de Albuquerque
(1917-1992)

Figura 34. “Livro das Armadas” (fac-simile), capa, estojo e folha com a armada de Vasco da Gama na viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1497), e Luís de Albuquerque (1917-1992).

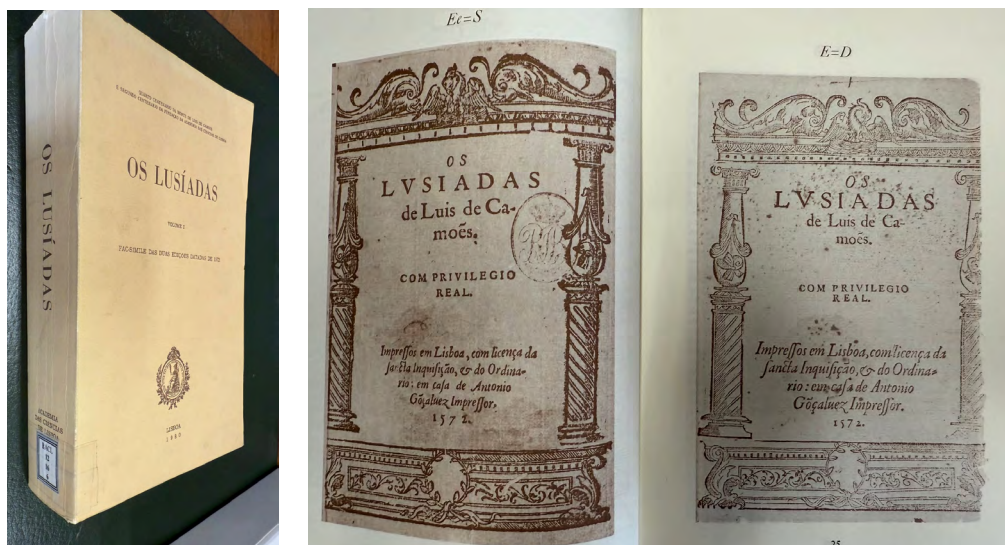


Figura 35. Capa do livro “Os Lusíadas” (fac-simile das duas edições datadas de 1572), 1980, e folhas destas edições.

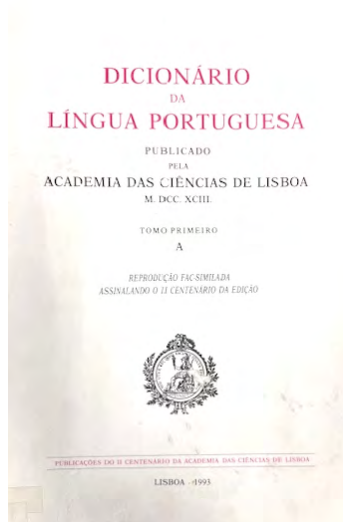


Figura 36. Capa da reprodução fac-similada do “Diccionario da Lingoa Portuguesa”, Tomo primeiro, letra A (1993).

3. III JUBILEU

O terceiro Jubileu da Academia das Ciências foi celebrado em moldes diferentes do jubileu posterior acima referido, sob a presidência de Júlio Dantas, em 5 sessões especiais que decorreram durante cerca de uma semana (Semana da Academia), nos dias 7 (sábado), 9, 11, 12 e 14 de dezembro de 1929. Não incluiu propriamente a organização de algum simpósio, mas antes outras iniciativas, sobretudo discursos e saraus por membros da Academia em domínios de interesse cultural, histórico, científico e literário, assim como uma exposição biblió-
-iconográfica.

Esta exposição constou de obras publicadas pela Academia, de valiosos manuscritos, incunábulo, iluminados e outros cimélio, e de uma coleção de retratos de académicos falecidos, quando possível.

Estas ações foram coligidas em detalhe no livro “III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa”, com 441 páginas, publicado após dois anos (1931) (Fig. 37). O livro inclui também fotografias de numerosos académicos.

Foi cunhada uma medalha comemorativa pelo escultor João da Silva, que é reproduzida na capa deste livro, com as efígies do duque de Lafões e do abade Correia da Serra.

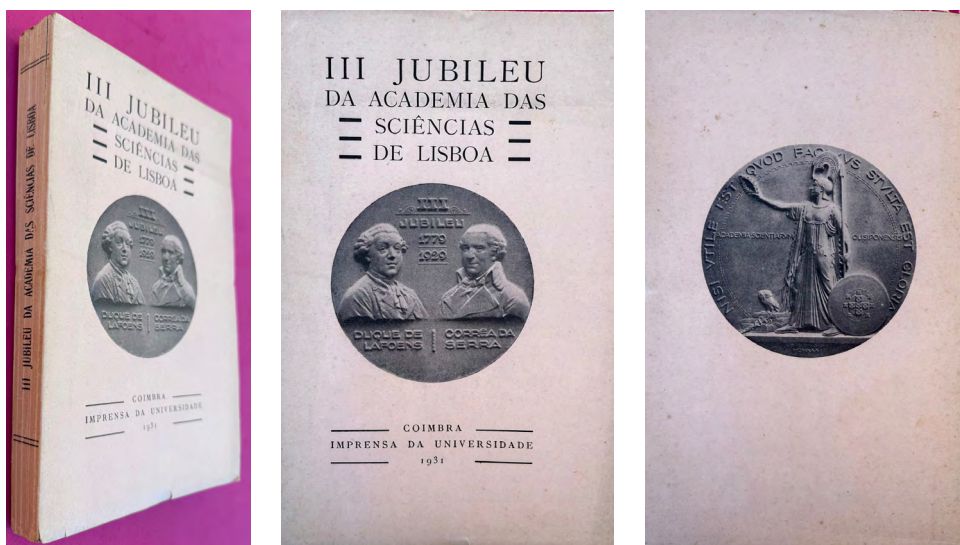


Figura 37. Capa e contracapa do livro “III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa” (1931), Imprensa de Universidade, Coimbra (com frente e verso da medalha comemorativa).

Como reconhecimento do labor da ACL durante o século e meio da sua vida, foi-lhe conferida na sessão solene inaugural (dia 7), pelo Presidente da República General Carmona, a Grã-Cruz de S. Tiago.

Esta sessão solene (dia 7) (Fig. 38) iniciou-se com um discurso pelo Presidente da Academia (Júlio Dantas), seguido da apresentação, pelo Secretário-Geral (Achilles Machado) de um relatório da vida da Academia no período de 21 de abril de 1921 a 7 de dezembro de 1929 (*ca.* últimos 8 anos e meio), e da exposição, pelo Presidente da Classe de Ciências (Pedro J. da Cunha), de um trabalho sobre “As Ciências e a Academia”, uma “resenha” dos “empreendimentos académicos que representam labor coletivo” (III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, 1931, p. 77) versando as diversas ciências (e.g., náuticas, astronómicas, médicas, de higiene pública, epidemiologia, análise química, agrícolas), o interesse aplicado e social das ações da Academia. Inclui também os estudos de “questões” ou respostas a consultas à Academia das Ciências que o governo lhe submetia, abrangendo os mais variados assuntos (III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, 1931, p. 87), uma interação de interesse também atual na vida da nossa Academia, embora esta tenha procurado manter a sua desejada natureza apolítica.



Júlio Dantas
(1876-1962)



Achilles Machado
(1862-1942)



Pedro J. da Cunha
(1867-1945)

Figura 38. Júlio Dantas (1876-1962), Achilles Machado (1862-1942) e Pedro J. da Cunha (1867-1945), oradores na sessão solene de abertura da celebração do III Jubileu da Academia das Ciências.

A sessão de 9 de dezembro contou com três oradores académicos no âmbito das Ciências de Observação e de Cálculo:

- Gomes Teixeira, “Um drama da história matemática”, focado na vida e obra do matemático e geómetra norueguês Nicolau Henrique Abel;
- Gago Coutinho, “A experiência dos navegadores portugueses no fim do século XV”;
- Egas Moniz, “O Papa João XXI”, médico e filósofo Português do século XIII, Pedro Julião.

A sessão seguinte (11 de dezembro) foi consagrada às Ciências Económicas e Administrativas, com os seguintes oradores académicos:

- Mosés Amzalak, “Os estudos económicos na Academia das Ciências de Lisboa”;
- Bento Carqueja, “Barometria económica portuguesa”;
- João Albino de Sousa Rodrigues, “Alguns propósitos económicos”, incluindo, *e.g.*, o equilíbrio orçamental e a estabilização monetária;
- Francisco António Correia, “Estados Unidos da Europa”, conceito à luz de aspetos económicos e políticos, que é comparado com a situação dos Estados Unidos da América, e que agora podemos reconhecer como premonitório da criação da Comunidade Económica Europeia e da União Europeia.

A sessão de 12 de dezembro direcionou-se às Ciências Históricas, Jurídicas e Filológicas, com os seguintes palestrantes académicos:

- José Maria Rodrigues, “Pontos de contacto entre a linguagem do *D. Quixote* e a de *Os Lusíadas*”;
- Queirós Veloso, “A dominação filipina”;

– António Ferrão, “Os estudos históricos na Academia das Ciências”, referindo também o papel da Academia Real de História, fundada em 1720 e que se extinguiu por volta de 1776, com um período de vida anterior à data da fundação da ACL;

– Luís da Cunha Gonçalves, “A responsabilidade civil na navegação aérea”.

A sessão final, em 14 de dezembro, consistiu num sarau literário dedicado às Belas-Letras, com prosas ou poemas dos académicos Sousa Costa, Alfredo da Cunha, Eugénio de Castro, e Júlio Dantas.

O livro referido (III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, 1931) termina com uma nótila sobre o “Esplendor e Elegância das Festas Académicas”, designadamente a sessão solene de abertura (dia 7), na qual estiveram presentes o Chefe do Estado, General Carmona, vários Ministros incluindo o das Finanças, Oliveira Salazar, embaixadores de vários países, generais, almirantes, o Núncio Apostólico, representantes das Faculdades e de organismos científicos estrangeiros, etc., para além dos académicos e da comissão de protocolo académico. Os trajes oficiais, os capelos e as insígnias, os vestidos de cerimónia e as joias das senhoras, na magnífica Sala da Biblioteca (Salão Nobre) asseguravam uma “sumptuosidade” e uma “pompa” incedíveis. No sarau de encerramento (noite de 14), “outra hora de esplendor, e magnificência, se vivia nesta cidade”. A “sumptuosa sala da Biblioteca da Academia... sala inteira de mulheres formosas... acolheu um dos mais numerosos e mais elegantes públicos de Lisboa que nela se tem visto” (*Diário de Notícias*, 15 de dezembro, primeira página).

Este texto ilustra também como era diferente do atual o estilo seguido pela imprensa na apresentação das notícias.

Vê-se assim que a celebração do III Jubileu da Academia seguiu um modelo bastante diferente do adotado 50 anos após, no IV Jubileu, designadamente:

– Concentração num período restrito (uma semana em vez da extensão durante vários anos);

– Limitação a discursos e saraus, sem a organização de simpósios ou conferências;

– Restrição dos intervenientes a académicos, embora em sessões abertas ao público;

– Aposto numa maior relevância da visibilidade oficial, política e pública, e da sumptuosidade das cerimónias;

– Não inclusão da apresentação e discussão do estado da arte em temas científicos, nem de trabalhos de investigação (note-se que a investigação científica na ocasião do III Jubileu era ainda muito débil em Portugal);

– Aglutinação da descrição das iniciativas numa só publicação, em contraste com a celebração do bicentenário, com uma extensa atividade editorial e uma diversidade de tópicos.

– Essa publicação está com frequência focada na própria Academia, incluindo um relatório detalhado das atividades nos últimos anos, uma descrição dos empreendimentos e das consultas do governo, sendo de grande relevância para o conhecimento da vida académica.

4. OS PRIMEIROS JUBILEUS

A Academia Real das Ciências de Lisboa não parece ter organizado, pelo menos com o devido cuidado, a celebração oficial de qualquer dos dois primeiros jubileus.

A consulta que fiz das Atas (assinadas pelo Secretário-Geral Latino Coelho) das Assembleias Gerais da Academia nos anos do centenário (1879) e contíguos (1878 e 1880) confirmou a falta de iniciativa na celebração do seu *primeiro centenário (segundo Jubileu)*.

Embora na sessão de 4 de junho de 1879 ficasse marcada a sessão solene da celebração para 30 de janeiro de 1880, mais nada se registou nas atas das sessões seguintes. Estas tratavam sobretudo da correspondência da Academia, notando-se a sua preocupação com a busca dos espaços necessários para acolher as doações (sobretudo livros) que recebia, com as instalações, com a alfândega que havia chegado ao ponto de “vender livros pertencentes à Academia” o que levou esta a apresentar queixa ao Ministro da Fazenda cujo ofício de resposta foi lido na sessão de 4 de dezembro de 1879. O Ministro informou então que “expedira ordem à Alfândega para que informasse a Academia acerca do caso e... que procederia de maneira que satisfizesse os desejos da Academia. Disse mais que pela Academia havia sempre o cuidado de mandar despachar os livros à alfândega quando se recebia conhecimento ou comunicação de que eram remetidos. Que provavelmente dos livros... se tenham desencaminhado os conhecimentos ou haviam expedido sem fazer disso conhecimento...”. Referiu também que alguns dos livros foram comprados em leilão por um consócio que se oferecera benevolmente a cedê-los à Academia.

A correspondência lida também incluía ofícios do Ministro do Reino (*e.g.*, sobre a disponibilização das Atas das sessões) e do Tribunal de Contas com pedidos de informação.

Vê-se assim que na ocasião do seu centenário a Academia tinha vários problemas com que se recrear.

O assunto da celebração do centenário da Academia foi retomado mais tarde, no ano seguinte ao do centenário, na sessão de 4 de março de 1880, na qual foi objeto de diversas intervenções, tendo sido “resolvido 1.º Que a sessão solene da Academia fosse também consagrada a celebrar o seu Centenário e o de Camões; 2.º Que se represente ao governo pedindo a trasladação dos restos mortais de Camões e Vasco da Gama” (para a igreja de Belém). Na mesma sessão foi sugerido que o Secretário-Geral (Latino Coelho) escrevesse o elogio de Camões, o qual disse não poder aceitar o encargo em face de outras tarefas em curso na Academia.

Na sessão de 7 de maio, “resolveu-se que a trasladação dos ossos de Camões e Vasco da Gama fosse no dia 8 e que se celebrasse a sessão solene no dia 9” (de junho). Sugeria-se que a trasladação envolvesse o transporte por galeotas reais desde Lisboa a Belém.

A ata da sessão de 3 de junho focou-se sobretudo na celebração de Camões, incluindo também a representação da Academia na ida à Vidigueira relativamente à trasladação de Vasco da Gama, e não propriamente na comemoração do centenário da Academia. Esta comemoração também não foi sequer referida na Ata da sessão seguinte, de 1 de julho, dando a entender que não havia sido realizada! Nesta Ata figuram, no entanto, referências à trasladação decorrida e a outros assuntos, tais como o sistema de permuta de publicações com outras instituições e a oferta de livros.

A ata da sessão seguinte e última do ano de 1880, decorrida a 2 de dezembro, já nada menciona sobre as celebrações, quer de Camões, quer da Academia.

Verifica-se assim a inexistência nas atas de qualquer informação significativa sobre o modo como efetivamente decorreu a sessão solene comemorativa do I centenário da Academia, ficando a dúvida até sobre a sua realização!

O desleixo da Academia por esta celebração é corroborado pelo académico Joaquim de Vasconcellos no seu trabalho “D. João Carlos de Bragança, Segundo Duque de Lafões (1719–1806)” (Vasconcelos, 1927), publicado na obra coordenada por Christovam Ayres (Cristovão Aires), Secretário-Geral, “Para a História da

Academia das Ciências de Lisboa” (1927) (Ayres, 1927) (Fig. 39), em que refere (p. 324) que “A Academia Real das Sciencias... em 1880 festejou o centenário da sua fundação, meio encoberta, durante as festas do centenário de Camões. Dizemos *encoberta* porque, em lugar de dar conta bem clara de uma vida de cem annos, de publicar a história dos seus trabalhos seculares e a do fundador, se esquivou a tudo isto, envolvendo-se n’uma festa popular da nação para a qual contribuiu apenas com uma certa dose de rethorica numa sessão solemne”.

Joaquim de Vasconcellos notou ainda que a Academia “nem se atreveu a convidar à sua festa um único representante das Academias estrangeiras!” e que a sua postura contrastara com a da Academia Real da Bélgica que, em 1872, publicara em 2 volumes o livro “Centième anniversaire de foundation (1772–1872)”, com diversas monografias históricas.



Figura 39. *Esquerda*: Capa do livro “Para a História da Academia das Ciências de Lisboa” (1927), coordenado por Cristóvão Aires [de Magalhães Sepúlveda] (1853–1930). *Direita*: Cristóvão Aires e Joaquim de Vasconcelos (1849–1936), um dos autores.

Em relação à celebração do *Primeiro Jubileu* (1829), nada encontrei nas atas das sessões do Conselho da Academia referentes a esse ano e aos anos adjacentes, isto é, no período 1827–1830. No entanto, reconheço que os textos, manuscritos de caligrafia com frequência pouco clara nos dias de hoje, monótonos, sem parágrafos, de qualidade já bastante afetada pelo tempo, são de difícil leitura e

eventualmente poderá ter-me escapado alguma referência. Entretanto, recebi do Dr. José Alberto Silva (2025) a referência a uma eventual celebração na Ata da sessão extraordinária do Conselho, de 26 de novembro de 1829 (ano do Jubileu), em que é referido: “E propondo o Vice-Secretário [Manuel José Maria da Costa e Sá] celebrar a Academia o seu quinquagésimo, decidiu a Academia que o Senhor Vice-Presidente [marquês de Borba] recebesse as ordens de Sua Majestade [D. Miguel] a este respeito e que comunicaria à Academia depois”.

Mas nada se encontrou nas atas posteriores sobre as esperadas “ordens” de Sua Majestade.

Encontrei ainda uma brevíssima e indireta passagem à eventual celebração do primeiro Jubileu da Academia através das palavras (discurso histórico) do seu Vice-Secretário Manuel José Maria da Costa e Sá, reproduzidas por José Silvestre Ribeiro (Ribeiro, 1876, Tomo V, p. 342) (Fig. 40), sobre o falecimento do primeiro secretário: “De todo o sentimento e dôr é a que padecemos este anno, em que a Academia tem de celebrar o seu quinquagésimo com as exequias do seu primeiro secretário, o Sr. Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça, conde de Barbacena, e um dos mais conspicuos e activos coooperadores da sua fundação (...)”.

Este texto figura na obra monumental de José Silvestre Ribeiro, a “História dos Estabelecimentos Scientificos, Literarios e Artisticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia”, publicada em 1876 pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

No mesmo ano jubilar (1829), a 1 de dezembro, a Academia realizou uma sessão solene pública que decorreu “com o maior aparato na sala dos actos do Real Collegio dos Nobres, assistindo a ella o senhor D. Miguel de Bragança, e sendo vice-presidente o marquez de Borba” (Ribeiro, 1876, Tomo V, pp. 339-340). Nesta sessão discursou o Vice-Secretário da Academia, Manuel José Maria da Costa e Sá e foram lidas várias Memórias, tendo sido encerrada com a leitura, pelo Vice-Secretário da Academia, do Elogio de José Correia da Serra, que nesta havia sido o secretário fundador. Mas nada se indica sobre a possível celebração do quinquagésimo ano da Academia.

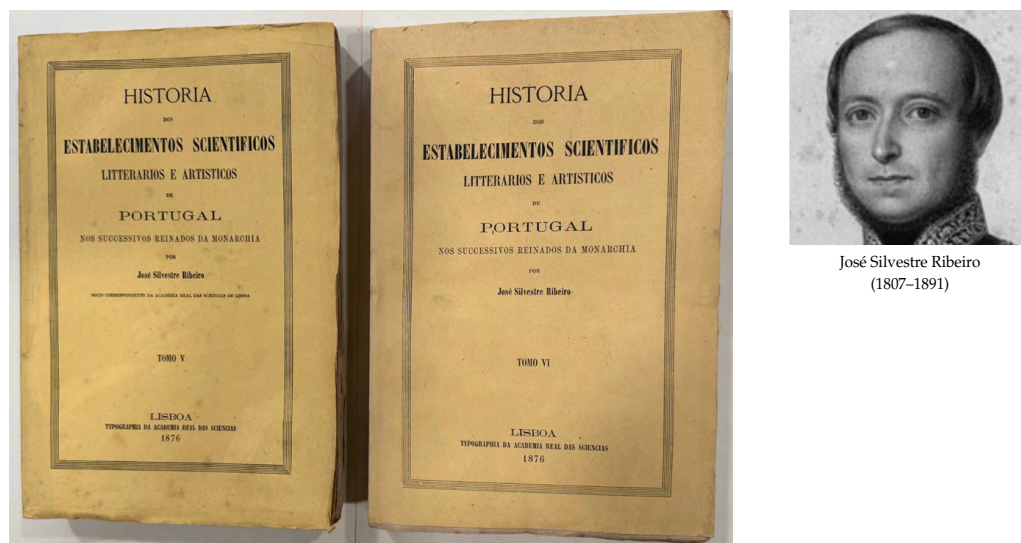


Figura 40. *Esquerda*: Capas dos tomos V e VI de José Silvestre Ribeiro, “História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia” (1876), Academia Real das Sciencias. *Direita*: O autor.

As comunicações apresentadas não estavam direcionadas à celebração da Academia, abordando temas como o roteiro de Pimentel, a utilidade e nobreza da medicina, manuscritos de Ignacio Collaço de Brito, e a antiga imposição (“jugadas”).

Note-se que não decorreu mais nenhuma sessão solene pública no ano do jubileu, tendo a anterior sido realizada quatro anos antes (1825) e as seguintes nos anos subsequentes (em dezembro de 1830 e de 1831), igualmente sem manifestação de qualquer orientação celebratória (Ribeiro, 1876, Tomo V, pp. 339-343). Nos anos posteriores (1832 e 1833) a Academia teve uma reduzida atividade, justificada pela guerra civil entre liberais e absolutistas.

As razões da não celebração dos primeiros Jubileus devem estar associadas a *vicissitudes* pelas quais a Academia estaria a passar nessas ocasiões, sobretudo a *instabilidade política e social* que se viveu em Portugal resultante (i) de ações de afirmação do movimento republicano em desfavor do regime monárquico (II Jubileu da Academia) recorrendo a Camões como inspiração e (ii) da revolução liberal (1820) e contrarrevolução miguelista (I Jubileu da Academia) que culminou na guerra civil pela sucessão de D. João VI, falecido em 1826, entre liberais (D. Pedro) e miguelistas (D. Miguel).

Para além da referida agitação política e social que naturalmente perturbou a vida da Academia, outras dificuldades por que esta estava então a passar, aliadas à falta de motivação e de disponibilidade dos seus membros, devem também ter degradado a sua atividade.

Assim, na década do seu I Jubileu, pode referir-se que a Academia foi censurada nas cortes ordinárias de 1822, a dotação anual que recebia do estado foi reduzida a metade, as publicações regulares haviam já parado (*Memórias Económicas, Livros Inéditos da História Portuguesa, Memórias da Literatura Portuguesa, Memórias de Mathematica Physica*), o *Dicionário da Língua Portuguesa* quedara-se pela letra A (1793), e as *Atas das Cortes Antigas de Portugal* continuavam sem ser impressas (apesar da verba suplementar que a Academia recebia para este efeito). Além disso, faleceram o Guarda-mor Alexandre António das Neves (1822), o Secretário fundador Correia da Serra (1823) e o Secretário Luiz António Furtado de Castro do Rio de Mendonça, conde de Barbacena (1829, ano do jubileu). O 2.º Duque de Lafões (D. João Carlos de Bragança), fundador da Academia, havia já falecido em 1806. A Academia via-se assim despojada de membros da maior relevância. Note-se que o Guarda-mor dos Estabelecimentos da Academia (cargo criado em 1791, atualmente inexistente) desempenhava funções da maior responsabilidade na administração e guarda da Livraria, Museu, Gabinete de Física, Laboratório Químico e Oficinas. Alexandre Vandelli foi nomeado para este cargo após o falecimento de Alexandre das Neves e apresentou várias propostas que requeriam a atenção da Academia, tais como (1831) a publicação de um impresso para “vulgarizar em todo o reino os conhecimentos tecnológicos e de agricultura” e a criação de um “gabinete de modelos de máquinas de agricultura, artes e manufaturas” (Ayres, 1927, pp. 406, 409-415).

Uma outra adversidade documentada durante a década de 1820 era a delonga, por atraso nos despachos alfandegários em Portugal, de remessas de livros e revistas estrangeiros encomendados pela Academia (Ayres, 1927, p. 415). Note-se que os problemas com a Alfândega continuaram, como se refere acima na ocasião do jubileu seguinte.

A atenção da Academia à Instituição Vacínica, a seu cargo de 1812 a 1835, e a instabilidade da localização das suas instalações, com mudanças diversas até assentar em 1834 no antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus da Ordem Terceira de São Francisco, com a extinção das ordens religiosas, poderão

eventualmente também ter contribuído para a desatenção na comemoração do I Jubileu.

Com efeito, a Academia teve de mudar de local por diversas vezes: Paço das Necessidades (na fundação), palácio na rua do Poço dos Negros (1792), palácio do Monteiro Mor na calçada do Combro, palácio do Duque de Palmela (ou o vizinho Palácio dos Sobrais?) no Largo do Calhariz (1800), Colégio dos Monges Beneditinos na Estrela (1823), durante os primeiros 50 anos; palácio do Conde de Lumiares na atual zona dos Restauradores (1832), Mosteiro de S. Vicente de Fora (1833), tendo a transferência para este local sido suspensa no mesmo ano com a substituição deste mosteiro pelo Convento de Jesus (1834) onde ainda a Academia se localiza (Ayres, 1927, pp. 9-10). Estas mudanças de residência, com a transferência associada do acervo, seguramente constituíram vicissitudes exigentes de um dispêndio considerável de cuidado, energia e tempo.

As vicissitudes da Academia eram reconhecidas pelo próprio Monarca, como atestado pela portaria de 9 de maio de 1834, cinco anos após o primeiro jubileu, na qual se pode ler que “Chegando ao conhecimento de S. M. I. o duque de Bragança, regente em nome da rainha, o estado de desorganização a que chegou a Academia Real das Sciencias, já pelo falecimento e ausencia de muitos dos seus membros, e já pela difficuldade de reunir os que sobrevivem ou habitam na capital; e sendo das intenções de S. M. I. que a referida Academia receba nova forma compatível com o actual systema de governo que tanto tem feito para o progresso e cultura das sciencias: ha por bem ordenar que o vice-secretario Francisco Elias Rodrigues convoque os socios da sobredita Academia, e, à pluralidade de votos, nomeiem estes uma comissão que passará a formalisar um plano de reorganisação em harmonia com o que se pratica nos paizes mais cultos da Europa...” (Ribeiro, 1876, Tomo VI, p. 13).

Era assim inevitável a reforma da Academia, tendo os novos Estatutos sido aprovados logo no mesmo ano (1834) pela rainha D. Maria II, em inícios do seu reinado (Ribeiro, 1876, Tomo VI, pp. 114-120), após o falecimento de seu Pai, S.M.I. D. Pedro, Duque de Bragança. Seguiram-se outras reformas dos Estatutos (1840 e 1851) ainda no período do II Jubileu.

Convém referir que, não obstante as dificuldades da Academia sentidas na ocasião do seu cinquentenário, a sua importância institucional, assim como a dos seus membros, eram bem reconhecidas pelo Rei (D. Miguel de Bragança), que

era o seu Presidente, pois, em 31 de julho de 1828 (ano anterior ao do jubileu), assinou um decreto (Fig. 41), no qual concedia aos membros da Academia o direito de serem admitidos à Sala do Dossel, na “concorrência” ao Palácio e Morada Real (*Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1830, Tomo X, Parte II, p. XXI).

Este direito era concedido atendendo “à assiduidade, desvelo e desinteresse com que se dedicavam à cultura e estudo das letras e ciências, em benefício e serviço geral da Monarquia e adiantamento dos conhecimentos humanos...”.

Termina-se assim a menção ao primeiro Jubileu com uma nota positiva e encorajadora da Academia após vários apontamentos negativos.

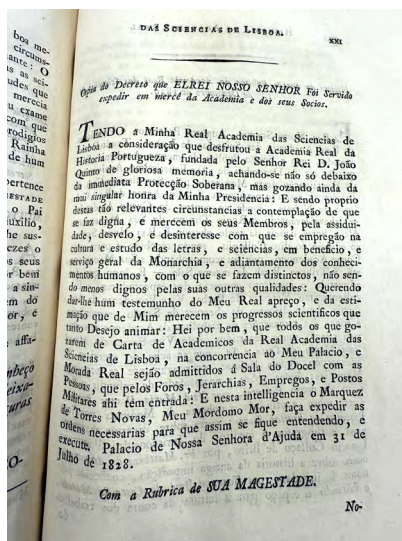


Figura 41. “Decreto em mercê da Academia e dos seus Sócios” (31 de julho de 1828) conferindo-lhes o direito de admissão à Sala do Dossel (In *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1830, Tomo X, Parte II, p. XXI).

5. COMENTÁRIOS FINAIS

A Academia demorou a reconhecer a importância da celebração dos seus Jubileus como uma oportunidade para ponderar e divulgar a sua atividade, difundir a cultura e a ciência, e fomentar a sua interação com o exterior, incluindo outras instituições científicas (nacionais e internacionais), a sociedade em geral e até o seu governo de tutela, não desprezável em face da dependência orçamental.

O primeiro Jubileu parece não ter tido a honra de qualquer comemoração e o segundo (I centenário) foi integrado noutra efeméride que o “encobriu”, não mostrando a independência, a visibilidade e a relevância que merecia.

A inércia foi finalmente vencida no III Jubileu, através da organização de uma semana comemorativa que constituiu o desabrochar das celebrações, originando ainda uma publicação de alto interesse para o conhecimento das atividades da Academia. Mas foi o IV Jubileu (II centenário), seguindo um formato diferente, que mereceu o maior empenho, muito acima dos anteriores e difícil de vir a ser superado.

A atualidade dos temas científicos abordados na comemoração do IV Jubileu é clara, bem ilustrada na série “Fronteiras do Conhecimento”.

A Fixação do Azoto, considerada a segunda reação química mais importante que ocorre na natureza, após a fotossíntese, permanece como um Graal da Química moderna, envolvendo a redução do diazoto (N_2), gás de elevada inércia, a amoníaco. Muito se desconhece sobre esta fixação a nível químico e biológico, que certas enzimas conseguem catalisar em condições ambientais em contraste com as drásticas exigidas pelo processo industrial de elevado consumo energético à escala mundial.

A Química Bioinorgânica tem atingido enormes desenvolvimentos, nomeadamente na descoberta e interpretação do papel dos metais em biologia e na mimetização dos centros ativos e da ação de metalo-enzimas e as suas aplicações, após os trabalhos de Robert Williams e Fraústo da Silva, considerados entre os fundadores desta ciência.

A Teoria do Clima é cada vez mais relevante na compreensão e previsão do clima e na previsão meteorológica, no uso de mega dados e desenvolvimento de métodos de simulação e modelação, nos efeitos do dióxido de carbono e outros gases, etc.

Os temas dos outros congressos em geral mantêm também uma forte atualidade. Vejam-se, por exemplo, os de elevado significado societal, tais como os referentes ao alcoolismo, tabagismo, drogas, eutanásia, bioética, violência e acidentes de viação, tópicos que continuam (e continuarão) a afligir a nossa sociedade.

Ainda em relação à contemporaneidade, acresce que as ações desenvolvidas na celebração do bicentenário situaram-se em dois dos eixos programáticos principais da atividade atual da Academia, assim designados por José Luís Cardoso

na sua presidência: “Partilha de conhecimento e promoção da cultura científica” e “Valorização e promoção de coleções e bens patrimoniais”. O terceiro eixo programático, “Aconselhamento de políticas baseadas em conhecimento científico independente”, é naturalmente menos significativo em termos da celebração, e também é aquele em que a Academia menos se tem exprimido, embora desde sempre não o tenha descurado, e.g., nos pareceres submetidos ao Ministro do Reino sobre assuntos ortográficos, organização de visitas, conferências e representações, publicações, etc.

Poderão estas celebrações, que seguiram modelos e formatos bem distintos, eventualmente servir de inspiração para alguns aspetos da comemoração dos 250 anos (V Jubileu) da Academia que estou certo atrairá a devida e atempada atenção da nossa Academia?

Esta e outras questões levantadas nesta comunicação, designadamente em termos de contextualização dos jubileus, poderão ser bem melhor abordadas por quem de direito (por cargos que ocupem) e por académicos historiadores de ciência do que por mim, que sou apenas um mero químico sem pretensões que pede a vossa benevolência pela intromissão em áreas fora da sua especialidade...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Academia das Ciências de Lisboa a disponibilização de fontes de informação, à sua técnica superior de biblioteca e arquivo Dra. Susana Marques a ajuda prestada no acesso às atas antigas das sessões académicas, ao Prof. José Luís Cardoso os comentários de âmbito histórico sobre os primeiros Jubileus, e ao Dr. José Alberto Silva a informação sobre a ata de uma antiga sessão académica.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 27 DE NOVEMBRO DE 2025

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 13 DE DEZEMBRO DE 2025

BIBLIOGRAFIA

- Ayres, C. (1927). *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa*. Imprensa da Universidade, Coimbra.
- Câmara Pina, L. M. (1995). Discurso proferido pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa General Luís Maria da Câmara Pina na Sessão Solene de Abertura das Comemorações. In *Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*. (1995). Academia das Ciências de Lisboa, pp. 13-18. <https://doi.org/10.58164/x36v-pf25>; <http://hdl.handle.net/10400.26/46888>
- Carvalho, A. H. (1975). In processo académico PT/ACL/ACL/C/001/1934-05-24/AHCC, carta de 8 de maio de 1975. Academia das Ciências de Lisboa.
- Carvalho, R. (1981). *A actividade pedagógica da Academia de Ciências de Lisboa nos séculos XVIII e XIX*, Academia das Ciências de Lisboa.
- Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa*. (1995). Academia das Ciências de Lisboa. <https://doi.org/10.58164/x36v-pf25>; <http://hdl.handle.net/10400.26/46888>
- Decreto que ELREI Nosso Senhor foi servido expedir em mercê da Academia e dos seus Sócios (31 de julho de 1828), *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1830, Tomo X, Parte II, p. XXI.
- Ferreira, A. R. (1971). *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 1783-1792*, Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, Brasil (2 volumes, edição anotada). <https://purl.pt/33535/2/>
- III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa*. (1931). Imprensa de Universidade, Coimbra. (Coord. Achilles Machado).
- Peixoto, J. P. (1995). “Introdução” e “Discurso proferido pelo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa Prof. Doutor J. Pinto Peixoto” (Sessão Solene de Encerramento das Comemorações). In *Comemorações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa* (1995). Academia das Ciências de Lisboa, (pp. 7-8 e 65-75). <https://doi.org/10.58164/x36v-pf25>; <http://hdl.handle.net/10400.26/46888>
- Peixoto, J. P. & Pombeiro, A. J. L. (1993). The Academy of Sciences of Lisbon. In Kiger, J. C. (Ed.), *International Encyclopedia of Learned Societies and Academies*, (pp. 237-241). Greenwood Press. ISBN: 978-0313264451
- Pombeiro, A. J. L. (1998). Professor José Pinto Peixoto, *Portugaliae Electrochimica Acta*, 16, 121-132. https://www.peacta.org/articles_upload/PEA_16_3_1998_121_132.pdf
<http://www.casaculturapintopeixoto.org/textos/textos/pombeiro/pombeiro.html>
- Ribeiro, J. S. (1876). *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia*, (Tomo V). Academia Real das Sciencias. <https://purl.pt/173>
- Ribeiro, J. S. (1876). *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal nos Sucessivos Reinados da Monarquia*, (Tomo VI). Academia Real das Sciencias. <https://purl.pt/173>
- Vasconcelos, J. (1927). D. João Carlos de Bragança, Segundo Duque de Lafões (1719–1806). In Ayres, C. (1927). *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa*. (pp. 319-349). Imprensa da Universidade, Coimbra.